CURSO INTENSIVO 2022



Modernismo de 22 e Modernismo de 30

Profa. Celina Gil





Sumário

APRESENTAÇÃO	3
1 – MODERNISMO DE 22	3
1.1 - O movimento	5
1.2- Principais Autores	6
2- MODERNISMO DE 30	9
2.1 - Movimento	10
2.2 - Principais autores	11
3 – EXERCÍCIOS	17
3.1 – Exercícios	17
3.2 – Gabarito	46
3.3 – Exercícios comentados	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95



Apresentação

Olá,

Vamos falar hoje sobre alguns assuntos que são bastante recorrentes no vestibular do ITA, não enquanto conteúdo de literatura, mas sim de interpretação de texto:

AULA 04 – Modernismo – Geração de 22 e Geração de 30

- Características de movimentos; e
- Principais autores e suas obras

As questões de literatura do ITA se fundam ou na análise das obras de leitura obrigatória, ou na interpretação de textos literários. Essa interpretação de textos literários se funda principalmente nas escolas do Modernismo.

A literatura modernista no Brasil possui três momentos:

1º geração – Também chamada de Modernismo de 22;

2ª geração – Também chamada de Modernismo de 30; e

3º geração – Também chamada de Modernismo de 45.

Na aula de hoje, vamos nos dedicar ao Modernismo de 22 e Modernismo de 30. Também vamos abordar os elementos que levam à construção das escolas modernistas no Brasil, pensando tanto no contexto histórico mundial quanto brasileiro. Essa aula é importante para que você compreenda as principais características da literatura brasileira do século XX e XXI. Conhecer essas características vai ajudar você a interpretar os textos literários da sua prova.

Esse conteúdo será importante para as próximas aulas de literatura em que, além de falar sobre o movimento literário, falaremos sobre as obras de leitura obrigatória pertencentes a eles. Assim, garanta que você compreendeu as características e preocupações modernistas para as próximas aulas!

Vamos lá?

1 – Modernismo de 22

O Brasil do fim do século XIX buscava se afastar da representação de "balbúrdia do país tropical" e tentava transmitir aos estrangeiros seu "**lado civilizado**". Mudanças de governo, de estrutura de trabalho, chegada de novas ideias vindos principalmente da Europa e uma ascensão de um capitalismo industrial e urbano começam a modificar o pensamento da época.

O Brasil chega mesmo a participar de feiras internacionais para divulgar as criações do país. O problema, segundo Costa e Schwarcz (2000) porém, era que "por mais que divulgássemos manufaturas



vinculadas por exemplo ao processamento do café, sempre eram a floresta, os índios, as frutas e os escravos os 'objetos' que despertaram maior atenção" (p. 125).

Paralelo a isso, o Brasil enfrentava duas questões: no fim do século XIX ainda éramos país monarquista — o único da América do Sul — e escravocrata. Majoritariamente agrário o país dependia da mão de obra escrava para manter a produção. Com a abolição da escravatura em 1888, duas questões se colocam no Brasil: a chegada de estrangeiros para substituir a mão de obra escrava; e a condição social dos ex-escravos, que acaba culminando na formação dos morros, favelas e cortiços. Já nessa época desponta uma característica que ficará muito associada ao Brasil ao longo do tempo: a formação do povo brasileiro conta com brancos, indígenas e negros.

A segunda metade do século XIX também é pautada na política pelo que ficou conhecido como "parlamentarismo às avessas", período em que D. Pedro II escolhia o primeiro-ministro a partir da concordância dos dois partidos existentes na época: o Partido Liberal e o Partido Conservador. Na prática, porém, ficavam mantidos os **interesses da camada mais rica**.

Com a Proclamação da República em 1889 pouco muda a situação da política brasileira, pois se instaura a aliança conhecida como "Política do café com leite", em que representantes de São Paulo e Minas Gerais predominavam no governo, mantendo o domínio das oligarquias intacto. Na época, **o café** era o produto de exportação mais importante para a economia brasileira.

As teorias acerca da ideia de **classes sociais** também alcançam o Brasil, provocando questionamentos nesta estrutura política brasileira. A negação do poder das oligarquias e os

questionamentos acerca da religião também ganham fôlego na virada do século.

No início do século XX, fica bastante claro que **o Brasil é um país agrário e miscigenado**. Os anos 1920, no entanto, constituem um momento de forte sentimento de **ruptura** em diversas áreas da vida brasileira. A população brasileira começa a demonstrar insatisfação com a frequência das oligarquias no poder e começa a desejar governantes que representem a uma classe média que se fortalecia cada vez mais. Essa classe média não se conforma com a aproximação do Governo às oligarquias do café.

A primeira guerra também é uma experiência importante para o período, que traz principalmente dois efeitos para o Brasil. O primeiro deles, **psicológico**, pois demonstra que sim, os homens são capazes de matar indiscriminadamente e de maneira distante — lembre-se que a primeira guerra ocorreu nas trincheiras. O outro, foi o **desenvolvimento da indústria**, já que muitos produtos que

164.997

Figura 1 - Lavoura de café (entre 1900 e 1923), Biblioteca do Congresso. Divisão de Estampas e Fotografias.

antes o Brasil comprava de outros países tiveram que começar a ser produzidos aqui – as indústrias europeias entram em esforço de guerra para produzir elementos bélicos ou práticos para tempos de crise.

Com o aumento da indústria no Brasil, aumenta também o número de conflitos entre trabalhadores e patrões. Já em 1917 há registros de greves com o objetivo de buscar melhorias nas condições de trabalho. Fica claro, portanto, que o Brasil está efervescendo nesse momento. Vamos ver como a literatura brasileira da primeira metade do século XX lidou com as questões que movimentavam o espírito das pessoas do mundo todo, aliadas às nossas próprias particularidades.



1.1 - O movimento

A primeira fase do modernismo na literatura brasileira se inaugura com um evento: a Semana de Arte Moderna, que ocorreu entre 13 e 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. E essa data não é gratuita.

Em 1922 comemorava-se os 100 anos da independência do Brasil. E os artistas modernistas se perguntavam sobre a **identidade nacional**. A cultura brasileira era fruto de uma sociedade **colonizada**, ou seja, estávamos sempre sob influência estrangeira. Para os modernistas, era preciso buscar uma **arte verdadeiramente brasileira**, que representasse de fato quem somos nós.

A Semana de Arte Moderna foi um evento ocorrido no Teatro Municipal de São Paulo que unia diversas **manifestações artísticas**, cada uma trabalhada em um dia. Além disso, havia propostas diferentes para a apresentação das obras de arte: poemas eram declamados (até então, a prática era que fossem apenas publicados em livros); pintura e escultura dividiam espaço com maquetes de arquitetura; e música misturando orquestra e cantores.

Características

Ruptura

- Esse é o principal traço dos autores modernistas.
- Inspirados pelas vanguardas europeias (expressionismo, dadá, futurismo etc), os artistas dão corpo à vontade de ruptura que a sociedade brasileira experimentava então.

Reconstração da cultura brasileira

- Valorização da figura do indígena brasileiro, sem cair numa idealização da figura.
- Nacionalismo exacerbado, ufanismo. A ideia é valorizar a cultura brasileira em tudo o que ela possui sem deixar de criticar aquilo que são os defeitos ou mazelas do Brasil.
- Revisão crítica do passado colonial, buscando se livrar das referências estrangeiras.

Questionamento dos valores burgueses

- Crítica social voltada principalmente para a burguesia e seu modo de vida.
- Aproximação com o anarquismo: destruir e recomeçar do zero.
- A arte tem caráter revolucionário.

Linguagem coloquial

- Aproximação com a linguagem popular.
- Inserção de gírias e expressões de uso corrente, como regionalismos e variações linguísticas.

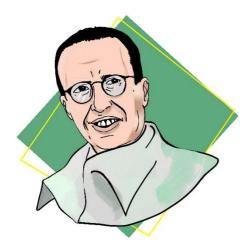
Liberdade formal

- A poesia modernista utiliza os versos livre e brancos, ou seja, sem métrica e sem rima.
- Também não se preocupa com formas fixas, produzindo poemas sem número de versos regular.



1.2- Principais Autores

Manuel Bandeira



Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho (1886 – 1968) nasceu em Recife, no Pernambuco, mas teve sua formação no Sudeste: escola no Rio de Janeiro e faculdade na Escola Politécnica de São Paulo. A **tuberculose**, porém, o obrigou a abandonar a faculdade. O poeta teve a saúde frágil a vida inteira. Ele chegou a ficar internado na Suíça, em 1913, para cuidar da sua tuberculose.

Não é de se estranhar, portanto, que sua poesia seja marcada pela presença forte da ideia da **morte e melancolia**. Outros elementos comuns à sua poesia são:

- Liberdade formal, trabalhando muito com verso livre;
- Aspecto biográfico, principalmente próximo da sua doença e das tragédias familiares;
- Figuras femininas e imagens brasileiras, além de um lirismo sentimental.

Suas principais obras são A Cinza das Horas (1917); Carnaval (1919); Libertinagem (1930); Estrela da Manhã (1936); Estrela da Tarde (1963); e Estrela da Vida Inteira (1966).

Veja alguns poemas do autor em que se identificam essas características:

Pneumotórax

Porquinho-da-Índia

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria
estar debaixo do fogão!
Levava ele prá sala
Pra os lugares mais bonitos mais
limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do
[fogão.
Não fazia caso nenhum das
[minhas ternurinhas...

O meu porquinho-da-índia [foi minha primeira namorada. Febre, hemoptise, dispneia e [suores noturnos. A vida inteira que podia ter sido [e que não foi. Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

— Diga trinta e três.

- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
 - Respire.
- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível [tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é [tocar um tango argentino.

Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada Lá sou amigo do rei Lá tenho a mulher que eu quero Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

(...)



Mario de Andrade

Mario Raul Morais de Andrade (1893 – 1945) foi um dos primeiros autores modernistas. Ele começa sua carreira artística na música, formando-se no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Ele também integra na crítica de arte e produziu tanto obras em prosa quanto poesia.

As principais características de sua obra são:

- Busca de nova linguagem literária, brasileira, trabalhando a sonoridade das palavras, palavras de línguas indígenas, neologismos e estrangeirismos;
- Nacionalismo crítico e folclore brasileiro;
- Paixão por São Paulo;
- Versos livres e brancos;
- Elementos do cotidiano;

Suas principais obras são Há uma Gota de Sangue em Cada Poema (1917); Paulicéia Desvairada (1922); Clã do Jabuti (1927); Amar, Verbo Intransitivo (1927); Macunaíma (1928). e Lira Paulistana (1946).

Veja alguns poemas do autor em que se identificam essas características:

Moça Linda Bem Tratada

Moça linda bem tratada, Três séculos de família, Burra como uma porta: Um amor.

Grã-fino do despudor, Esporte, ignorância e sexo, Burro como uma porta: Um coió.

Mulher gordaça, filó, De ouro por todos os poros Burra como uma porta: Paciência...

Plutocrata sem consciência, Nada porta, terremoto Que a porta de pobre arromba: Uma bomba.

Descobrimento

Abancado à escrivaninha em São Paulo Na minha casa da rua Lopes Chaves De supetão senti um friúme por dentro. Fiquei trêmulo, muito comovido Com o livro palerma olhando pra mim.

Não vê que me lembrei que lá no Norte, meu Deus! muito longe de mim Na escuridão ativa da noite que caiu Um homem pálido magro de cabelo escorrendo nos olhos, Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,

Esse homem é brasileiro que nem eu.

Faz pouco se deitou, está dormindo.



Oswald de Andrade

José Oswald de Sousa Andrade (1890 - 1954), nascido em São Paulo, foi muito influenciado pelas vanguardas europeias. Ele trazia o desejo de se rebelar contra a tradição hegemônica da cultura europeia no Brasil. Seu Manifesto Pau-Brasil (1924) tinha como programa libertar a poesia brasileira das influências das "velhas civilizações em decadência". Foi também autor do Manifesto Antropofágico (1926). Era muito ativo politicamente e filiado ao Partido Comunista.

Foi um dos autores mais versáteis do modernismo, tendo produzindo prosa, poesia e teatro. As principais características de sua obra são:

- Linguagem reduzida e coloquial (chamada também de telegráfica);
- Fragmentação na escrita (inspiração no cinema e no cubismo);
- Paródia;
- Sátira à Burguesia; e
- Ironia e poema-piada.

Suas principais obras são: Pau-Brasil (1925); Memórias Sentimentais de João Miramar (1924); Estrela de Absinto (1927) e O Rei da Vela (1934).

Veja alguns poemas do autor em que se identificam essas características:



Minha terra tem palmares Onde gorjeia o mar Os passarinhos daqui Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas E quase que mais amores Minha terra tem mais ouro Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas Eu quero tudo de lá Não permita Deus que eu morra Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra Sem que volte pra São Paulo Sem que veja a Rua 115 E o progresso de São Paulo



Dê-me um cigarro Diz a gramática Do professor e do aluno E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco Da Nação Brasileira Dizem todos os dias Deixa disso camarada Me dá um cigarro



Aprendi com meu filho de [dez anos Que a poesia é a descoberta Das coisas que eu nunca vi

3 de maio



2- Modernismo de 30

A segunda fase do modernismo brasileiro aprimora diversos aspectos da primeira e amplia os temas sobre os quais se debruça, consolidando o modernismo no Brasil. Inquietações filosóficas e religiosas também passam a aparecer com maior frequência.

Em 1929 ocorre um evento que abala todo o mundo: a crise da bolsa de Nova York deflagra um período de crise econômica e social. Além disso, começam a emergir governos autoritários em diversos lugares do mundo, o que acabaria levando a uma Segunda Guerra Mundial. No Brasil, a Revolução de 30 promove um golpe de estado e dá início ao Estado Novo, liderado por Getúlio Vargas. Era o fim da predominância das oligarquias do café no poder, mas o início de um período de governo autoritário.

Os autores produzindo nessa época precisam também lidar com uma dura realidade: a Segunda Guerra mundial. Os efeitos da segunda guerra são ainda mais devastadores para o mundo do que os da primeira. A experiência do nazismo trouxe às pessoas perspectivas novas: ainda que sempre tenha havido injustiça e guerras, pela primeira vez a barbárie era



parte de um projeto de governo. As mortes em massa nos campos de concentração e as perseguições étnicas modificam fortemente a percepção do homem sobre si próprio. A segunda geração modernista no Brasil produz suas obras entre 1930 e 1945 e, influenciada por todas essas questões, tem como uma de suas bases mais fortes a crítica social.

Veja os principais eventos da vida do Brasil da época:

- 1930 Governo provisório: Vargas vence a campanha presidencial de 1929, marcada por meetings (comícios) e coloca tenentes como governadores/interventores. Entre 22 e 32, houve levantes dos tenentes, a chamada onda tenentista. Depois, houve a Coluna Prestes, com ações semelhantes e que ficaram conhecidos pelo Brasil inteiro.
- 1932 Constituinte: Assembleia constituinte é um órgão colegiado que tem como função redigir ou reformar a constituição, a ordem político-institucional de um Estado.
- 1934 Constituição é aprovada: A Constituição de 1934 foi uma consequência direta da Revolução Constitucionalista de 1932. Foi aprovada a nova Constituição, substituindo a Constituição de 1891.
- 1937 Governo constitucional: Crescem duas forças: a Ação Integralista Brasileira (direita) e Aliança Nacional Libertadora (esquerda).
- 1938 Intentona/Insurreição comunista: A Intentona (ou Insurreição) Comunista, também conhecida como Revolta Vermelha de 35, Revolta Comunista de 35, Levante Comunista, ou Levantes Antifascistas, foi uma tentativa de golpe contra o governo de Getúlio Vargas realizado em 23 de novembro de 1935 por militares, em nome da Aliança Nacional Libertadora
- 1945 Fim da Era Vargas: A deposição de Getúlio Vargas, do seu regime do Estado Novo em 1945 e a posterior redemocratização do país, com a adoção de uma nova constituição em 1946 marca o fim da Era Vargas e o início do período conhecido como Quarta República Brasileira.



2.1 - Movimento

As principais características do Modernismo de 30 são:

Características

Poesia

- Presença de traços de pessimismo e individualismo.
- Aparecimento de poesia espiritualista, com temáticas filosóficas e religiosas.
- Crítica social, analisando a realidade com profundidade.
- A vontade de ruptura formal é menos profunda, pois acompanham uma estética dada na primeira fase do modernismo.

<u>P</u>rosa

- Temas ligados à realidade nacional, especialmente preocupada com as mudanças sociais e políticas do período.
- Romance documental, ligado aos fatos.
- Prosa regionalista: livros sobre regiões afastadas dos centros urbanos.
- Postura grave diante do mundo: como reagir diante das dores do mundo?

Influência da psicanálise

- Romances que analisam o psicológico das personagens ou que produzem narrativas fragmentadas.
- Investigação do inconsciente e das razões que movem as pessoas.

Linguagem coloquial

- Aproximação com a linguagem popular, principalmente por conta da aproximação com as temáticas cotidianas.
- Regionalismos e variações linguísticas, buscando a expressão real da cultura brasileira.

Liberdade formal

- Mantém-se os versos livre e brancos, ou seja, sem métrica e sem rima, sem preocupação com formas fixas, produzindo poemas sem número de versos regular.
- Há também liberdade temática, ou seja, a noção de qualquer tema pode ser tratado pela literatura.



2.2 - Principais autores

Jorge Amado



Jorge Amado (1912 – 2001) nasceu em Ferradas, distrito do município de Itabuna, no sul da Bahia, mas passou a infância em Ilhéus. Posteriormente, mudou-se para Salvador, onde estudou em colégio religioso. Começou a vida literária cedo, no Diário da Bahia, mas foi no Rio de Janeiro que escreveu seu primeiro romance, O País do Carnaval (1931).

Em 1932, filiou-se ao **Partido Comunista Brasileiro** e foi preso quatro anos por conta do seu alinhamento com o comunismo. É após sair da cadeia e durante uma viagem pelas Américas que escreve uma de suas obras mais famosas: Capitães de Areia (1937). Neste mesmo ano, ele foi preso novamente e muitas de suas **obras foram queimadas em praça pública**. Foi detido pela terceira vez em 1943, após escrever a

obra O cavaleiro da esperança (1942), uma biografia de Luís Carlos Prestes.

Até os anos 1950, sua obra expõe mais fortemente seu **posicionamento político**, destacando **as classes mais baixas** e aliando **regionalismo com crítica social**. A partir dos anos 1950, o **humor** e a **sensualidade** também serão importantes para sua obra. Além disso, o autor passa a destacar ainda mais os aspectos da **miscigenação** do povo brasileiro, principalmente o **sincretismo religioso**. As **festas** e **costumes populares** também ganharão mais espaço.

Suas principais obras desse segundo momento são:

- Gabriela, cravo e canela (1958);
- A morte e a morte de Quincas Berro Dágua (1959);
- Dona Flor e seus dois maridos (1966);
- Tenda dos Milagres (1969);
- Tereza Batista, cansada de guerra (1972);
- O gato malhado e a andorinha Sinhá (1976); e
- Tieta do Agreste (1977).

Muitas dessas obras foram adaptadas para o **cinema** e a **televisão** com muito sucesso. Jorge Amado é considerado um dos autores mais adaptados para outros meios da literatura brasileira.

Ele foi casado com a também escritora **Zélia Gattai**, com quem dividiu a militância política. Ela se tornou muito conhecida pelos livros Anarquistas, Graças a Deus (1979) e Senhora Dona do Baile (1984), ambos livros de memórias. É uma das escritoras **memorialistas** mais importantes do Brasil.



Rachel de Queiroz



Rachel de Queiroz (1910 – 2003) foi escritora, jornalista, dramaturga e tradutora. Ela foi também a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Ela nasceu em Fortaleza, filha de uma família intelectual. Sua mãe era uma parenta distante de José de Alencar.

Ainda criança, sua família mudou-se para o Rio de Janeiro e depois para Belém do Pará. Pouco tempo depois, retornam para o Ceará e Rachel se forma professora com apenas 15 anos. Ela leciona a disciplina de História.

Publica seu primeiro romance com 20 anos. A obra **O Quinze** (1930) trata as seca de 1915 no nordeste e como isso provocou um grande êxodo da população nordestina para o sudeste.

Enquanto estilo, a escritora unia a **estética modernista**, tão próxima da produção do eixo Rio-São Paulo, com **a tradição e as temáticas do nordeste**, principalmente a luta contra as dificuldades da seca e da miséria do sertão. O Quinze é um livro muito bem recebido já na sua época, causando sensação nos meios literários.

Rachel de Queiroz foi presa em 1937, acusada pelo governo Getúlio Vargas de **comunismo**. Ela ficou 2 anos presa. Curiosamente em 1964, Rachel apoia o golpe que leva ao **Regime Militar** no Brasil, tendo mesmo sido parte do Conselho Federal de Cultura durante esse período.

Além dos aspectos regionais e das inclinações políticas no início da carreira, Rachel também produziu obras mais intimistas, se voltando para o psicológico das personagens e para a adolescência feminina. Ela também escreveu livros infanto-juvenis e peças teatrais.

Suas principais obras são:

- O Quinze (1930);
- Caminho de Pedra (1937);
- As Três Marias (1939);
- Dora Doralina (1975); e
- Memorial de Maria Moura (1992).

Rachel foi também a primeira mulher cronista reconhecida, o que a torna em uma **figura pioneira no Brasil**. Em um momento em que ainda não havia uma produção significativa feminina no país – principalmente produções de **mulheres nordestinas** – Rachel rompe essa barreira, tornando-se conhecida.



Carlos Drummond de Andrade



Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987) foi um dos autores mais populares e importantes da segunda geração modernista. Sua poesia é marcada pela **crítica social** e pela **colocação do indivíduo no centro das discussões**. Ele se interroga constantemente acerca das **dificuldades da sociedade burguesa**.

Ele é também um dos autores mais populares de vestibular. É muito importante que você tenha contato com sua obra, pois ela pode aparecer na prova principalmente em questões interpretativas.

Drummond nasceu em **Itabira** do Mato Dentro, interior de Minas Gerais. Sua família era dona de fazendas na região. Desde cedo, ele se interessou pela literatura. Chegou a estudar um tempo no Rio de Janeiro, mas foi expulso após uma discussão com o professor de português, acusado de **"insubordinação mental"**.

Começa a publicar no Diário de Minas em 1921, onde também trabalharia como editor, além de ministrar aulas de Geografia e Português na sua cidade natal. Em 1928, publica o poema que o tornaria muito conhecido ao longo de sua vida, "**No meio do caminho**", na Revista de Antropofagia: o popular "No meio do caminho tinha uma pedra (...)". Em 1930 publica seu primeiro livro, Alguma poesia (1930).

Algumas das principais temáticas de sua poesia são:

- A **ironia** e o **humor**, muitas vezes advindas da figura do indivíduo que não consegue se adequar à sociedade e às convenções da sociedade burguesa.
- A **preocupação social**, ligada principalmente ao contexto histórico em que vivia: os regimes totalitários do Nazismo e do Fascismo, a ditadura Vargas e a Segunda Guerra Mundial.
- Temas filosóficos ou metafísicos.
- Aspectos memorialistas, pensando sobre sua infância e aspectos de sua terra natal. Itabira e Minas Gerais são temas constantes em sua obra.

Suas principais obras são:

- Alguma poesia (1930);
- Brejo das almas (1934);
- Sentimento do Mundo (1940);
- A Rosa do Povo (1945); e
- Claro Enigma (1951).

Apesar de ser mais conhecido por sua produção poética, Drummond também foi tradutor, contista e cronista. Suas **crônicas** também são muito cobradas e nos vestibulares. Suas obras foram traduzidas para muitos idiomas, tornando Drummond conhecido mundialmente.



Cecília Meireles

Cecília Meireles (1901 – 1964) foi uma poetisa com grande preocupação com a **subjetividade**. Suas obras são bastante **introspectivas** e **filosóficas**. Ela dá muita atenção à **musicalidade** – o som das poesias. Cecília Meireles nasceu no Rio de Janeiro e foi criada pela avó materna. Seu pai morreu quando ela tinha apenas 3 meses e a mãe quando ela tinha 3 anos. Sua avó era portuguesa da Ilha dos Açores e muito **católica**.



Cecília teve uma criação religiosa e começou a escrever poesias ainda aos 9 anos, na escola. Formou-se professora no Curso Normal e,

com 18 anos, publicou sua primeira obra. O livro Espectros (1919) ainda possuía fortes características Simbolistas.

Uma outra característica que influenciou a poética de Cecilia sobremaneira foram suas viagens. A escritora teve passagens pela Europa, África e Ásia. Na **Índia**, Cecília toma contato com outras consciências místicas e religiosas, além de ter sido agraciada com o título de Doutora Honoris Causa da Universidade de Délhi.

- Suas principais obras são:
- Espectros (1919);
- Baladas para El-Rey (1925); Viagem (1939);
- Olhinhos de Gato (1940);
- Mar Absoluto (1945);
- Romanceiro da Inconfidência (1953);
- Canções (1956); e
- Poemas Escritos na Índia (1961).

Suas obras são caracterizadas por utilizar **versos de diversas naturezas** – regulares ou livres, longos ou curtos – com uma grande **riqueza lexical**. Ela também produz obras de grande lirismo, com fortes traços **intimistas** e **introspectivos**, olhando profundamente para dentro do indivíduo. Alguns dos temas mais frequentes de sua poesia são:

- Solidão e vazio.
- Saudade, melancolia.
- Jogo de sons e musicalidade.
- Transitoriedade da vida e fugacidade do tempo.

Além disso, ela também atuou como jornalista e fundou a primeira Biblioteca Infantil do Brasil, no Rio de Janeiro.



Vinícius de Moraes

Vinicius de Moraes (1913 – 1980) possui uma produção literária que se mistura com a musical, devido a seu sucesso como compositor. Sua poesia é ligada tanto à religiosidade quanto ao erotismo.

Vinicius nasceu no Rio de Janeiro e foi iniciado tanto na Igreja Católica como na maçonaria. Desde a adolescência tinha muita proximidade com a música e já tocava ao lado dos irmãos em algumas festas.

Formou-se em Letras e ingressou na faculdade de direito pouco antes de publicar seu primeiro poema, A transfiguração da Montanha (1932), na revista A Ordem. No ano em que se forma na faculdade de direito, Vinícius publica seu primeiro livro: O Caminho para a distância (1933).

Dez anos depois, Vinícius se torna diplomata, cargo que o leva para os Estados Unidos e Europa. Isso, porém, não o afastou da vida artística. Ele acaba se afastando da carreira diplomática e, durante os anos 1950, dedica-se profundamente à música. É nesse período que escreve sua peça mais conhecida: Orfeu Negro (1954).

Ele realizou duas parcerias importantes na música: com Tom Jobim e com Toquinho. Ao lado deles, Vinícius se dedica até o fim da vida a produzir versões musicadas de seus poemas e viajar pelo Brasil e pelo mundo cantando suas canções.

Sua obra é marcada inicialmente por um misticismo, religiosidade, que se contrapõe ao Modernismo de 1922. Há aparentemente uma tentativa de retorno às formas poéticas fixas, como o soneto. A partir dos anos 1940, o poeta passa a admitir maior liberdade de expressão, tratando de temas cotidianos e do erotismo. A obra passa a trabalhar com a sensualidade e com a hesitação aos prazeres da carne. Coincidentemente ou não, Vinícius de Moraes casou-se 9 vezes.

Suas principais obras são:

- O Caminho para a Distância (1933);
- Novos Poemas I (1938);
- Cinco Elegias (1943);
- Poemas, Sonetos e Baladas (1946);
- Orfeu Negro (1954);
- Livro de Sonetos (1957);
- Novos Poemas II (1959);
- Pra uma Menina, com uma Flor (1966);
- A Arca de Noé (1970).





Graciliano Ramos



Graciliano Ramos de Oliveira nasceu no dia 27 de outubro de 1892, ainda no século XIX, numa cidade chamada Quebrangulo, em Alagoas. Lá, ele permanece poucos anos.

Em 1899, muda-se para Viçosa (Alagoas), cidade onde se passa o romance *São Bernardo*. Logo depois, vai para Maceió, onde frequenta o Colégio Quinze de Março. Seus primeiros escritos apareceram no periódico *Echo Viçosense* e no jornal carioca *O Malho*.

Ao completar 18 anos, vai residir em Palmeira dos Índios, onde cuida da casa comercial de seu pai. Quando chega ao Rio de Janeiro em 1914, consegue um emprego na imprensa, onde começou a trabalhar como revisão no *Correio da Manhã*.

Em 1925, começa o seu primeiro romance: *Caetés*. Em 1927, ganha a eleição para prefeito de Palmeira dos Índios, mas renuncia ao cargo. Depois, é nomeado diretor da Imprensa Oficial de Alagoas, mas também pede demissão.

Em 1933, é nomeado diretor da Instrução Pública de Alagoas e contratado como redator do Jornal de Alagoas. É preso em 1936, sem culpa formada, sob a acusação de que era comunista. Passa por várias prisões, até seguir em porão de navio ao Rio de Janeiro.

Ao sair, inicia a publicação de alguns contos no jornal argentino *La Prensa*, inclusive, entre eles, "Baleia", que mais tarde irá integrar *Vidas secas*.

Em 1945, filia-se ao Partido Comunista a convite direto de Luís Carlos Prestes. Em 1952, viaja com a esposa Heloísa à União Soviética. A sua saúde se agrava. É operado sem sucesso e morre em 20 de março de 1952.

As principais obras de Graciliano Ramos são:

- ➤ Caetés (1933);
- ➤ São Bernardo (1934);
- ➤ Angústia (1936)
- ➤ Vidas secas (1938);
- ➤ Infância (1945);
- ➤ Insônia (1947).



3 – Exercícios

Você perceberá, ao longo desta lista de exercícios, que há poucos exercícios do ITA sobre o assunto. De fato, esses movimentos literários não têm sido um tema de destaque nesse vestibular.

Isso pode significar que:

- > A banca não dá tanta importância a esse tema; ou
- > Como há muito tempo não aparece esse tema na prova, ele pode voltar a aparecer logo!

Utilize essa lista de questões para construir seu repertório e tomar contato com poemas que você não conheça. Eles podem aparecer na sua prova.

Vamos lá?

3.1 – Exercícios

Modernismo de 22

1. (ITA - 2018)

O texto abaixo é uma das liras que integram Marília de Dirceu, de Tomás Antônio Gonzaga.

1.	3.	5.
Em uma frondosa	Apenas lhe morde,	Se tu por tão pouco
Roseira se abria	Marília, gritando,	O pranto desatas,
Um negro botão!	Co dedo fugiu.	Ah! dá-me atenção:
Marília adorada	Amor, que no bosque	E como daquele,
O pé lhe torcia	Estava brincando,	Que feres e matas,
Com a branca mão.	Aos ais acudiu.	Não tens compaixão?

- p		
Com a branca mão.	Aos ais acudiu.	Não tens compaixão?
2.	4.	(GONZAGA, Tomás Antônio. Marília de Dirceu & Cartas
Nas folhas viçosas	Mal viu a rotura,	Chilenas. 10. ed. São Paulo:
A abelha enraivada	E o sangue espargido,	Ática, 2011.)
O corpo escondeu.	Que a Deusa mostrou,	
Tocou-lhe Marília,	Risonho beijando	
Na mão descuidada	O dedo ofendido,	
A fera mordeu.	Assim lhe falou:	



Haicai tirado de unia falsa lira de Gonzaga

Quis gravar "Amor"

No tronco de um velho freixo:

"Marília" escrevi.

(BANDEIRA, Manuel. Estrela da vida inteira. 20 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.)

O poema abaixo retoma imagens presentes nas liras de Marília de Dirceu e no haicai de Manuel Bandeira, apresentados acima.

Passeio no bosque

o canivete na mão não deixa marcas no tronco da goiabeira

cicatrizes não se transferem

(CACASO. Beijo na boca. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.)

Algumas pessoas, ao gravarem nomes, datas etc., nos troncos das árvores, buscam externar afetos ou sentimentos. Esse texto, contudo, registra uma experiência particular de alguém que, fazendo isso,

- a) se liberta das dores amorosas, pois as exterioriza de alguma forma.
- b) percebe que provocará danos irreversíveis à integridade da árvore.
- c) busca refúgio na solidão do espaço natural.
- d) se dá conta de que é impossível livrar-se dos sentimentos que o afligem.
- e) encontra dificuldade em gravar o tronco com um simples canivete.

2. (ITA - 2017)

Sobre o poema de Manuel Bandeira,

Irene no céu

Irene preta

Irene boa

Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:



– Licença, meu branco!

E São Pedro bonachão:

– Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

(Em: Libertinagem. Rio de Janeiro: Pongetti, 1930.)

é INCORRETO afirmar que a relação afetiva entre o sujeito lírico e Irene

- a) faz com que a descrição dela seja permeada pela visão carinhosa dele.
- b) torna a linguagem mais coloquial, espelhando a ligação afetuosa dos dois.
- c) é responsável pelo tratamento informal dado a uma entidade religiosa.
- d) é um mero disfarce da desigualdade entre brancos e negros.
- e) é, na visão dele, compartilhada até mesmo por São Pedro.

3. (ITA - 2015)

O poema abaixo, de Manuel Bandeira, pertence ao livro Lira dos cinquentanos.

Velha chácara

A casa era por aqui...

Onde? Procuro-a e não acho.

Ouço uma voz que esqueci:

É a voz deste mesmo riacho.

Ah quanto tempo passou!

(Foram mais de cinquenta anos.)

Tantos que a morte levou!

(E a vida... nos desenganos...)

A usura fez tábua rasa

Da velha chácara triste:

Não existe mais a casa...

- Mas o menino ainda existe.

O poema apresenta uma diferença entre



- I. o passado (a infância) e o presente (a velhice) vivido pelo eu lírico.
- II. um espaço puramente natural (o campo) e outro sociofamiliar (a casa).
- III. o que é desfeito pelo tempo (a casa) e o que ele não apaga (a lembrança).
- IV. a chácara (espaço ideal) e a cidade (espaço arrasado pela usura).

Estão corretas apenas:

- a) I, II e III.
- b) I, II e IV.
- c) II e III.
- d) II, III e IV.
- e) III e IV.

4. (ITA - 2009)

Leia o poema abaixo, "O anel de vidro", de Manuel Bandeira.

Aquele pequenino anel que tu me deste,
Ai de mim – era vidro e logo se quebrou...
Assim também o eterno amor que prometeste,
Eterno! era bem pouco e cedo se acabou.

Frágil penhor que foi do amor que me tiveste, Símbolo da afeição que o tempo aniquilou – Aquele pequenino anel que tu me deste, Ai de mim – era vidro e logo se quebrou...

Não me turbou, porém, o despeito que investe Gritando maldições contra aquilo que amou. De ti conservo na alma a saudade celeste... Como também guardei o pó que me ficou Daquele pequenino anel que tu me deste.

Nesse texto,



- a) percebemos uma ironia típica dos modernistas ao desqualificar o amor romântico.
- b) existe uma revisão crítica da poesia de temática amorosa vinda do Romantismo.
- c) a temática amorosa (o fim do amor) é tratada com frieza e distanciamento.
- d) há lirismo sentimental, presente em boa medida pela retomada da quadrinha popular "O anel que tu me deste / Era vidro e se quebrou [...]".
- e) encontra-se um poema tipicamente romântico por retomar a conhecida quadrinha popular "O anel que tu me deste / Era vidro e se quebrou [...]".

Texto para as questões 5 e 6

Profundamente

Quando ontem adormeci Estavam todos deitados

Na noite de São João Dormindo

Havia alegria e rumor Profundamente

Estrondos de bombas luzes de Bengala

Vozes cantigas e risos

Ao pé das fogueiras acesas.

Quando eu tinha seis anos

No meio da noite despertei Não pude ver o fim da festa de São João

Não ouvi mais vozes nem risos Porque adormeci

Apenas balões

Passavam errantes Hoje não ouço mais as vozes daquele

Silenciosamente tempo

Apenas de vez em quando Minha avó

O ruído de um bonde Meu avô

Cortava o silêncio Totônio Rodrigues

Como um túnel. Tomásia

Onde estavam todos os que há pouco Rosa

Dançavam Onde estão todos eles?

Cantavam

E riam Estão todos dormindo

Ao pé das fogueiras acesas? Estão todos deitados

Estavam todos dormindo Dormindo

Profundamente.



5. (ITA - 2008)

Apesar de ser um poema modernista, esse texto de Bandeira apresenta alguns traços herdados do Romantismo. Sobre tais traços, considere as seguintes afirmações:

- I. O poema é marcadamente autobiográfico, já que apresenta referências à família do escritor.
- II. No poema, há a rememoração um tanto saudosista da infância do poeta, vista como um período de grande felicidade.
- III. No poema, há a presença de elementos da cultura popular festa de São João –, que são valorizados no texto.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I.
- b) lell.
- c) le III.
- d) apenas III.
- e) todas.

6. (ITA - 2008)

Esse poema, contudo, não é propriamente romântico, não só porque o autor não pertence historicamente ao Romantismo, mas, sobretudo, porque

- a) o poema faz uma menção ao universo urbano ("o ruído de um bonde"), o que o afasta da preferência dos românticos pela natureza.
- b) as pessoas de que o poeta se lembra estão mortas ("Dormindo / Profundamente").
- c) não há no poema o chamado "escapismo" romântico, nem a idealização do passado, mas sim a consciência de que este não volta mais.
- d) o poema não possui nenhum traço emotivo explícito, o que o afasta da poesia romântica, que é marcadamente emotiva e sentimental.
- e) não há, no poema de Bandeira, a presença do amor, que é um tema recorrente na poesia romântica.



7. (ITA - 2004)

Vício na fala Pronominais

Para dizerem milho dizem mio Dê-me um cigarro

Para melhor dizem mió Diz a gramática

Para pior pió Do professor e do aluno

Para telha dizem teia E do mulato sabido

Para telhado dizem teiado Mas o bom negro e o bom branco

E vão fazendo telhados Da Nação brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro

Leia os textos, de Oswald de Andrade, extraídos de Poesias reunidas (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978).

Esses poemas

- I mostram claramente a preocupação dos modernistas com a construção de uma literatura que levasse em conta o português brasileiro.
- II mostram que as variantes linguísticas, ligadas a diferenças socioeconômicas, são todas válidas.
- III expõem a maneira cômica com que os modernistas, por vezes, tratavam de assuntos sérios.
- IV possuem uma preocupação nacionalista, ainda que não propriamente romântica.

Estão corretas:

- a) le IV.
- b) I, II e III.
- c) I, II e IV.
- d) I, III e IV.
- e) todas.



8. (UNIFESP - 2019)

Os	haviam	"civilizado"	а	imagem	do	índio,	injetando	nele	OS	padrões	do
cavalheirismo c	onvencio	nal. Os		, ao	cor	ntrário,	procurara	ım ne	le e	no neg	ro o
primitivismo, qu	ie injetara	am nos padri	ŏe:	s da civiliz	açã	o domi	nante com	o rend	ovaç	ção e que	ebra
das convenções	acadêmi	cas.									

(Antonio Candido. Iniciação à literatura brasileira, 2010. Adaptado.)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, por

- a) românticos e simbolistas.
- b) árcades e simbolistas.
- c) árcades e modernistas.
- d) românticos e modernistas.
- e) simbolistas e modernistas.

9. (UNESP - 2019)

Indo às consequências finais da posição de José de Alencar no Romantismo, esse autor adotou como base da sua obra o esforço de escrever numa língua inspirada pela fala corrente e os modismos populares, não hesitando em usar formas consideradas incorretas, desde que legitimadas pelo uso brasileiro. Com isso, foi o maior demolidor da "pureza vernácula" e do "culto da forma".

(Antonio Candido. Iniciação à literatura brasileira, 2010. Adaptado.)

O texto refere-se a

- a) Olavo Bilac.
- b) Machado de Assis.
- c) Mário de Andrade.
- d) Aluísio Azevedo.
- e) Euclides da Cunha.

10. (ESPM - 2018)

ESCAPULÁRIO¹

No Pão de Açúcar



De Cada Dia

Dai-nos Senhor

A Poesia

De Cada Dia

(Oswald de Andrade)

¹escapulário: faixa de tecido que frades e freiras de algumas ordens religiosas usam pendentes sobre o peito.

Considere o texto, as características do autor e da 1.ª geração do Modernismo brasileiro para assinalar a afirmação incorreta.

- a) Ao iniciar quase todas as palavras com maiúscula, o autor demonstrou intenção sacrílega, já que "Senhor" perdeu o caráter de referir-se a Deus.
- b) Temas prosaicos, do dia a dia, são comuns ao autor e ao período literário vivido por ele, uma nítida oposição aos temas clássicos e elegantes do Parnasianismo.
- c) O desapreço às normas da gramática convencional faz-se presente na ausência de pontuação.
- d) Existe uma sutil ironia ao titular o poema com termo religioso e, através da paródia, solicitar-se algo não associado à prática litúrgica.
- e) A linguagem coloquial, o despojamento, a referência a elementos cotidianos marcaram a postura dos modernistas pioneiros do Brasil.

Texto para as questões 11 e 12

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da

[Babilônia num barração sem número.

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

Manuel Bandeira. Libertinagem.

11. (FGV - 2017)

Considere as seguintes afirmações:



A filiação do poema à estética do Modernismo revela-se na

- I. escolha de assunto pertencente à esfera do cotidiano humilde e prosaico, em oposição ao Parnasianismo antecedente, que cultivava os temas ditos nobres, solenes e elevados.
- II. utilização de objeto ou texto já pronto ou constituído, alegadamente encontrado na realidade exterior, como base da composição poética.
- III. ruptura das fronteiras entre os gêneros literários tradicionais, que aparecem mesclados no texto.

Está correto o que se afirma em

- a) I, somente.
- b) I e II, somente.
- c) II e III, somente.
- d) I e III, somente.
- e) I, II e III.

12. (FGV - 2017)

Nesse poema de Bandeira, manifesta-se com bastante ênfase um aspecto temático amplamente considerado pela crítica como um dos mais característicos da poesia do autor, considerada em seu conjunto. Trata-se da

- a) profunda nostalgia em relação às coisas e pessoas já desaparecidas (tema do "ubi sunt").
- b) colisão entre a máxima efusão vital e a morte.
- c) figuração dramática da pobreza, para fins de militância política de esquerda.
- d) preferência pelos aspectos mais típicos e exóticos das personagens, destinados a produzir o pitoresco e a cor local.
- e) Exploração modernizada do tema classicista do "carpe diem" (aproveita o dia).

Texto para as questões 13 e 14

MACUNAÍMA

Uma feita a Sol cobrira os três manos duma escaminha de suor e Macunaíma se lembrou de tomar banho. Porém no rio era impossível por causa das piranhas tão vorazes que de quando em quando na luta pra pegar um naco de irmã espedaçada, pulavam aos cachos pra fora d'água metro e mais. Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia d'água. E a cova era que-nem a marca dum pé-gigante. Abicaram. O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pezão do Sumé, do tempo em que



andava pregando o evangelho de Jesus pra indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, a água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas. Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. Macunaíma teve dó e consolou:

— Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não, porém pretume foi-se e antes fanhoso que sem nariz.

Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifara toda a água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribo dos Tapanhumas.

ANDRADE, Mário de. Macunaíma. 22. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

13. (IFPE - 2017)

De autoria de Mário de Andrade, Macunaíma é uma obra modernista cuja primeira publicação data de 1928. No trecho acima transcrito, Macunaíma e seus irmãos tomam banho numa água encantada, que os transformam em branco, índio e negro. A respeito dessa obra e do trecho acima transcrito, considere as assertivas a seguir.

- I. O livro faz referência ao folclore brasileiro e se aproxima da linguagem oral, como se percebe em "E a cova era que-nem a marca dum pé-gigante".
- II. O trecho transcrito deve ser lido de forma simbólica, pois nota-se nele uma verossimilhança surrealista. Retratar os três irmãos como branco, índio e negro exemplifica isso.
- III. O índio Macunaíma aproxima-se, em conduta e ética, a um cavaleiro medieval lusitano, tanto é que "Quando [...] saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos".
- IV. A obra faz parte da primeira fase do modernismo brasileiro, cujo lirismo predomina nas longas lamentações do índio, como se observa em "Macunaíma teve dó e consolou: Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não, porém pretume foi-se e antes fanhoso que sem nariz.".
- V. Macunaíma é uma tentativa de construção da identidade do povo brasileiro. O trecho transcrito ilustra bem isso quando retrata Macunaíma, Jiguê e Maanape como branco, índio e negro, respectivamente.

Estão CORRETAS, apenas,

- a) II, III e IV.
- b) I, II e V.
- c) I, II e IV.
- d) III, IV e V.
- e) I, III e V.



14. (IFPE - 2017)

Macunaíma é uma obra da primeira geração modernista, cujo autor, Mário de Andrade, foi um dos mentores da Semana de Arte Moderna, de 1922. A respeito da primeira fase do Modernismo, podemos afirmar que

- a) seus romances valorizaram a cultura brasileira através de forte regionalismo, com influência da psicanálise de Freud.
- b) buscou uma maior aproximação com a realidade ao descrever os costumes, as relações sociais e a crise das instituições.
- c) propôs uma estética poética transgressora, que tentou romper com o tradicional, buscando a liberdade formal e a valorização do cotidiano.
- d) apresentou influência do Parnasianismo e do Simbolismo, forte academicismo e passadismo.
- e) cultuou o objetivismo e a linguagem culta e direta.

15. (IME - 2015)

CONSOADA

(Manuel Bandeira)

Quando a Indesejada das gentes chegar

(Não sei se dura ou caroável),

Talvez eu tenha medo.

Talvez sorria, ou diga:

— Alô, iniludível!

O meu dia foi bom, pode a noite descer.

(A noite com os seus sortilégios.)

Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,

A mesa posta,

Com cada coisa em seu lugar.

Disponível em: http://www.poesiaspoemaseversos.com.br Acesso em: 29 Abr 2014.

Acerca da postura do autor diante da morte, pode-se afirmar que:

- a) revela-se doente e já à espera da morte.
- b) admite que tem muito medo da morte.
- c) se mostra conformado com a sua vinda, sem desejá-la.



- d) deseja alegremente a sua chegada.
- e) demonstra ainda não estar pronto para a sua chegada.

Modernismo de 30

16. (ITA - 2019)

"Epigrama n. 04"

O choro vem perto dos olhos para que a dor transborde e caia.
O choro vem quase chorando como a onda que toca a praia.

Descem dos céus ordens augustas e o mar chama a onda para o centro. O choro foge sem vestígios, mas levando náufragos dentro.

(MEIRELES, Cecília, Viagem/Vaga música. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.p.43)

Leia o poema de autoria de Cecília Meireles. O texto

- I. aproxima metaforicamente um fenômeno humano e um fenômeno natural a partir da identificação de, pelo menos, um traço comum a ambos: água em movimento.
- II. sugere que, enquanto o movimento do choro é ligado à variação das emoções, o movimento da onda deve-se a forças naturais, responsáveis pela circularidade marítima.
- III. ameniza o dramatismo do choro humano, pois, quando acomete o sujeito, ele passa naturalmente, como a onda que volta ao mar.
- IV. leva-nos a perceber que o choro contido tem um impacto emocional que o torna desolador.

Estão corretas:

- a) lellapenas;
- b) I, II e IV apenas;
- c) I, III e IV apenas;
- d) II e III apenas;
- e) todas.



17. (ITA - 2014)

Acerca da representação da infância em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, é **INCORRETO** dizer que

- a) tanto o menino mais velho como o mais novo encontram pouca alegria no ambiente inóspito em que vivem.
- b) os dois meninos sentem muito afeto pela cachorra Baleia, companheira inseparável da família.
- c) o menino mais velho se rebela contra a situação da família e contra a brutalidade de Sinhá Vitória.
- d) o menino mais novo quer ser igual ao pai e o mais velho entra em conflito com a mãe quando falam sobre o inferno.
- e) quando o menino mais velho associa o lugar em que vive com a ideia de inferno, começa a deixar de ser criança.

18. (ITA - 2009)

Leia o poema abaixo, "Inscrição na areia", de Cecília Meireles.

O meu amor não tem

importância nenhuma.

Não tem o peso nem

de uma rosa de espuma!

Desfolha-se por quem?

Para quem se perfuma?

O meu amor não tem

importância nenhuma.

Nesse texto,

- a) há lirismo sentimental, pois, ao contrário do que o texto diz, nota-se que o amor tem importância para a autora.
- b) percebe-se que a ironia tão comum na poesia modernista desmonta a crença no amor romântico.
- c) encontra-se a declaração da impossibilidade do amor romântico na poesia moderna.



- d) o sentimentalismo do poema é bastante marcante (veja-se a pontuação), o que faz dele um texto de filiação romântica.
- e) a expressão do amor é romântica, o que se nota pelas referências aos elementos da natureza.

19. (FM Petrópolis - 2019)

Romanceiro da Inconfidência

Romance XXIV

Atrás de portas fechadas, à luz de velas acesas. brilham fardas e casacas, junto com batinas pretas. ⁵E há finas mãos pensativas, entre galões, sedas, rendas, e há grossas mãos vigorosas, de unhas fortes, duras veias, e há mãos de púlpito e altares, ¹⁰de Evangelhos, cruzes, bênçãos. Uns são reinóis, uns, mazombos; e pensam de mil maneiras; mas citam Vergílio e Horácio, e refletem, e argumentam, ¹⁵falam de minas e impostos, de lavras e de fazendas. de ministros e rainhas e das colônias inglesas.

Atrás de portas fechadas, ²⁰à luz de velas acesas, uns sugerem, uns recusam, uns ouvem, uns aconselham. Se a derrama for lançada, há levante, com certeza. ²⁵Corre-se por essas ruas? Corta-se alguma cabeça? Que bandeira se desdobra? Com que figura ou legenda?

Atrás de portas fechadas, ³⁰à luz de velas acesas, entre sigilo e espionagem, acontece a Inconfidência.

Liberdade, ainda que tarde, ouve-se em redor da mesa.

35 E a bandeira já está viva, e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores já são réus — pois se atreveram a falar em Liberdade

40 (que ninguém sabe o que seja).

Liberdade – essa palavra, que o sonho humano alimenta: que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda!

⁴⁵E a vizinhança não dorme: murmura, imagina, inventa. Não fica bandeira escrita, mas fica escrita a sentença.

MEIRELES, Cecília. Romanceiro da Inconfidência. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953. p.103-105. Fragmento.

Entre as diversas faces da obra poética de Cecília Meireles, o texto exemplifica o seguinte aspecto:



- a) poética marcada pela abordagem da morte, da fugacidade do tempo e da precariedade da vida humana.
- b) profundo espiritualismo, com desenvolvimento de temas como a transitoriedade da vida, o infinito, o amor, a solidão.
- c) lirismo extremamente pessoal, de inspiração popular e tradicional, com a dominância da musicalidade.
- d) temática de cunho histórico-social em versos curtos, com elementos dramáticos, épicos e líricos na defesa da liberdade.
- e) atmosfera de sonho, fantasia, intimismo e misticismo em seus poemas, com presença de impressões sensoriais.

20. (USF - 2019)

Texto I

Cantiga de enganar.

O mundo não vale o mundo,

meu bem.

Eu plantei um pé-de-sono,

brotaram vinte roseiras.

Se me cortei nelas todas

e se todas se tingiram

de um vago sangue jorrado

ao capricho dos espinhos,

não foi culpa de ninguém.

O mundo,

meu bem,

não vale

a pena e a face serena

vale a face torturada.

[...]

Andrade, Carlos Drummond de. Claro enigma – 1.ed. – São Paulo: Companhia da Letras, 2012. p. 35-7.

Texto II

Amar

Que pode uma criatura senão,



entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados amar?
[...]

Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração expectante,
e amar o inóspito, o áspero,
um vaso sem flor, um chão de ferro,
e o peito inerte, e a rua vista em sonho, e uma ave de rapina.

Este o nosso destino: amor sem conta, distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas, doação ilimitada a uma completa ingratidão, e na concha vazia do amor a procura medroso, paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesma de amor, e na secura nossa amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.

Andrade, Carlos Drummond de. Claro enigma – 1.ed. – São Paulo: Companhia da Letras, 2012. p.43.

Os textos, em consonância com a leitura da obra na íntegra, e tendo por base os parâmetros ideológicos de *Claro enigma*, nos permitem afirmar corretamente que

- a) o texto 1 mostra a ironia de um eu lírico desencantado com a existência, ou com o que sobrou dela, num diálogo com *A máquina do mundo*, enquanto o texto 2 evoca o amor como elemento de conexão do homem com seu passado, como ocorre em *A mesa*.
- b) o texto 1 retoma o tom introspectivo de poemas que reverberam a angústia do homem na busca de um sentido para a vida, como em *Perguntas em forma de cavalo marinho*, enquanto o texto 2 simplifica a existência ao condicioná-la ao amor, fonte máxima de prazer e dor.
- c) o texto 1 registra um eu lírico desencantado com a vida, repercutindo o tom melancólico que se observa em textos como *Dissolução*; já o eu lírico do texto 2 fala da experiência amorosa de caráter compulsório, pois considera o amor uma espécie de condenação involuntária.



- d) o texto 1 reforça o tom niilista que acompanha os demais poemas do livro, como vemos no poema *Oficina Irritada*, enquanto que o texto 2 retoma a necessidade de espalhar o amor como única maneira de reagir à destruição imanente ao ser humano.
- e) o texto 1 tem caráter social, pois promove uma reflexão acerca do estar em um mundo desfigurado no período pós Segunda Guerra, enquanto que o texto 2 retoma a busca pelo equilíbrio por meio do amor, individual e coletivo, como também se observa em *Memória*.

21. (FUVEST - 2018)

(...) procurei adivinhar o que se passa na alma duma cachorra. Será que há mesmo alma em cachorro? Não me importo. O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás. Exatamente o que todos nós desejamos. A diferença é que eu quero que eles apareçam antes do sono, e padre Zé Leite pretende que eles nos venham em sonhos, mas no fundo todos somos como a minha cachorra Baleia e esperamos preás. (...)

Carta de Graciliano Ramos a sua esposa.

(...) Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritó onde sinha Vitória guardava o cachimbo.

(...)

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

Graciliano Ramos, Vidas secas.

As declarações de Graciliano Ramos na Carta e o excerto do romance permitem afirmar que a personagem Baleia, em Vidas secas, representa

- a) o conformismo dos sertanejos.
- b) os anseios comunitários de justiça social.
- c) os desejos incompatíveis com os de Fabiano.
- d) a crença em uma vida sobrenatural.
- e) o desdém por um mundo melhor.

22. (FUVEST - 2018)

Os bens e o sangue

VIII



(...)

Ó filho pobre, e **descorçoado***, e finito ó inapto para as cavalhadas e os trabalhos brutais com a faca, o formão, o couro... Ó tal como quiséramos para tristeza nossa e consumação das eras, para o fim de tudo que foi grande!

Ó desejado,
ó poeta de uma poesia que se furta e se expande
à maneira de um lago de **pez**** e resíduos letais...
És nosso fim natural e somos teu adubo,
tua explicação e tua mais singela virtude...
Pois carecia que um de nós nos recusasse
para melhor servir-nos. Face a face
te contemplamos, e é teu esse primeiro

e úmido beijo em nossa boca de barro e de sarro.

Carlos Drummond de Andrade, Claro enigma.

Glossário

*descorçoado: assim como "desacorçoado", é uma variante de uso popular da palavra "desacoroçoado", que significa "desanimado".

Considere as seguintes afirmações:

- I. Os familiares, que falam no poema, ironizam a condição frágil do poeta.
- II. O passado é uma maldição da qual o poeta, como revela o título do poema, não consegue se desvencilhar.
- III. O trecho "o fim de tudo que foi grande" remete à ruína das oligarquias, das quais Drummond é tributário.
- IV. A imagem de uma "poesia que se furta e se expande/à maneira de um lago de pez e resíduos letais..." sintetiza o pessimismo dos poemas de *Claro enigma*.

Estão corretas:

- a) I e II, apenas.
- b) I, II e III, apenas.
- c) II e IV, apenas.
- d) I, III e IV, apenas.
- e) I, II, III e IV.

^{**}pez: piche



23. (ESPM - 2017)

A respeito da obra **São Bernardo**, de Graciliano Ramos, o crítico literário e professor João Luiz Lafetá afirma:

Todo valor se transforma – ilusoriamente – em valor-de-troca. E toda relação humana se transforma – destruidoramente – numa relação entre coisas, entre possuído e possuidor. Tal é a relação estabelecida entre Paulo Honório e o mundo. Seu desenvolvido sentimento de propriedade leva-o a considerar todos que o cercam como coisas que se manipulam à vontade e se possui.

O trecho de São Bernardo que melhor exemplifica a análise do crítico literário é:

- a) "Com efeito, se me escapa o retrato moral de minha mulher, para que serve esta narrativa? Para nada, mas sou forçado a escrever."
- b) "Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo."
- c) "Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos."
- d) "E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda a parte! A desconfiança é também uma consequência da profissão."
- e) "A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste."

24. (FUVEST - 2017)

Considere as imagens e o texto, para responder às próximas questões.



Fachada da igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto.



Perspectiva da nave da mesma igreja.



II / São Francisco de Assis*

Senhor, não mereço isto.

Não creio em vós para vos amar.

Trouxestes-me a São Francisco
e me fazeis vosso escravo.

Não entrarei, senhor, no templo, seu frontispício me basta. Vossas flores e querubins são matéria de muito amar.

Dai-me, senhor, a só beleza destes ornatos. E não a alma. Pressente-se dor de homem, paralela à das cinco chagas.

Mas entro e, senhor, me perco na rósea nave triunfal. Por que tanto baixar o céu? por que esta nova cilada?

Senhor, os púlpitos mudos entretanto me sorriem. Mais que vossa igreja, esta sabe a voz de me embalar.

Perdão, senhor, por não amarvos.

Carlos Drummond de Andrade

Analise as seguintes afirmações relativas à arquitetura das igrejas sob a estética do Barroco:

^{*}O texto faz parte do conjunto de poemas "Estampas de Vila Rica", que integra a edição crítica de Claro enigma. São Paulo: Cosac Naify, 2012.



- I. Unem-se, no edifício, diferentes artes, para assaltar de uma vez os sentidos, de modo que o público não possa escapar.
- II. O arquiteto procurava surpreender o observador, suscitando nele uma reação forte de maravilhamento.
- III. A arquitetura e a ornamentação dos templos deviam encenar, entre outras coisas, a preeminência da Igreja.

A experiência que se expressa no poema de Drummond registra, em boa medida, as reações do eu lírico ao que se encontra registrado em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) II e III, apenas.
- d) I e III, apenas.
- e) I, II e III.

25. (UNESP - 2017)

Leia a crônica "Seu 'Afredo'", de Vinicius de Moraes (1913-1980), publicada originalmente em setembro de 1953.

Seu Afredo (ele sempre subtraía o "I" do nome, ao se apresentar com uma ligeira curvatura: "Afredo Paiva, um seu criado...") tornou-se inesquecível à minha infância porque tratava-se muito mais de um linguista que de um encerador. Como encerador, não ia muito lá das pernas. Lembro-me que, sempre depois de seu trabalho, minha mãe ficava passeando pela sala com uma flanelinha debaixo de cada pé, para melhorar o lustro. Mas, como linguista, cultor do vernáculo1 e aplicador de sutilezas gramaticais, seu Afredo estava sozinho.

Tratava-se de um mulato quarentão, ultrarrespeitador, mas em quem a preocupação linguística perturbava às vezes a colocação pronominal. Um dia, numa fila de ônibus, minha mãe ficou ligeiramente ressabiada2 quando seu Afredo, casualmente de passagem, parou junto a ela e perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular: — Onde vais assim tão elegante?

Nós lhe dávamos uma bruta corda. Ele falava horas a fio, no ritmo do trabalho, fazendo os mais deliciosos pedantismos que já me foi dado ouvir. Uma vez, minha mãe, em meio à lide3 caseira, queixou-se do fatigante ramerrão4 do trabalho doméstico. Seu Afredo virou-se para ela e disse:

Dona Lídia, o que a senhora precisa fazer é ir a um médico e tomar a sua quilometragem.
 Diz que é muito bão.



De outra feita, minha tia Graziela, recém-chegada de fora, cantarolava ao piano enquanto seu Afredo, acocorado perto dela, esfregava cera no soalho. Seu Afredo nunca tinha visto minha tia mais gorda. Pois bem: chegou-se a ela e perguntou-lhe:

- Cantas?

Minha tia, meio surpresa, respondeu com um riso amarelo:

– É, canto às vezes, de brincadeira...

Mas, um tanto formalizada, foi queixar-se a minha mãe, que lhe explicou o temperamento do nosso encerador:

- Não, ele é assim mesmo. Isso não é falta de respeito, não. É excesso de... gramática.

Conta ela que seu Afredo, mal viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado e falou:

– Olhe aqui, dona Lídia, não leve a mal, mas essa menina, sua irmã, se ela pensa que pode cantar no rádio com essa voz, 'tá redondamente enganada. Nem em programa de calouro!

E, a seguir, ponderou:

Agora, piano é diferente. Pianista ela é!

E acrescentou:

– Eximinista pianista!

(Para uma menina com uma flor, 2009.)

1 vernáculo: a língua própria de um país; língua nacional.

2 ressabiado: desconfiado.

3 lide: trabalho penoso, labuta.

4 ramerrão: rotina.

Um traço característico do gênero crônica, visível no texto de Vinicius de Moraes, é

- a) o tom coloquial.
- b) a sintaxe rebuscada.
- c) o vocabulário opulento.
- d) a finalidade pedagógica.
- e) a crítica política.

26. (FUVEST - 2016)

¹Omolu espalhara a bexiga na cidade. Era uma vingança contra a cidade dos ricos. Mas os ricos tinham a vacina, que sabia Omolu de vacinas? Era um pobre deus das florestas d'África. Um deus dos negros pobres. Que podia saber de vacinas? Então a bexiga desceu e assolou o povo de Omolu. Tudo que Omolu pôde fazer foi transformar a bexiga de negra em



alastrim*, bexiga branca ⁵e tola. Assim mesmo morrera negro, morrera pobre. Mas Omolu dizia que não fora o alastrim que matara. Fora o lazareto**. Omolu só queria com o alastrim marcar seus filhinhos negros. O lazareto é que os matava. Mas as macumbas pediam que ele levasse a bexiga da cidade, levasse para os ricos latifundiários do sertão. Eles tinham dinheiro, léguas e léguas de terra, mas não sabiam tampouco da vacina. O Omolu diz que vai pro sertão. E os negros, os ogãs***, as filhas e pais de ¹0santo cantam:

Ele é mesmo nosso pai e

é quem pode nos ajudar...

Omolu promete ir. Mas para que seus filhos negros não o esqueçam avisa no seu cântico de despedida:

¹⁵Ora, adeus, ó meus filhinhos,

Qu'eu vou e torno a vortá...

E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas, numa noite de mistério da Bahia, Omolu pulou na máquina da Leste Brasileira e foi para o sertão de Juazeiro. A bexiga foi com ele.

Jorge Amado, Capitães da Areia.

Considere as seguintes afirmações referentes ao texto de Jorge Amado:

- I. Do ponto de vista do excerto, considerado no contexto da obra a que pertence, a religião de origem africana comporta um aspecto de resistência cultural e política.
- II. Fica pressuposta no texto a ideia de que, na época em que se passa a história nele narrada, o Brasil ainda conservava formas de privação de direitos e de exclusão social advindas do período colonial.
- III. Os contrastes de natureza social, cultural e regional que o texto registra permitem concluir corretamente que o Brasil passou por processos de modernização descompassados e desiguais.

Está correto o que se afirma em:

- a) I, somente.
- b) II, somente.
- c) I e II, somente.
- d) II e III, somente.
- e) I, II e III.

^{*}alastrim: doença eruptiva infectocontagiosa; forma benigna da varíola.

^{**}lazareto: estabelecimento para isolamento sanitário de pessoas atingidas por determinadas doenças.

^{***}**ogã**: no candomblé e religiões afins, título e cargo atribuído àqueles capazes de auxiliar e proteger a casa de culto e aos que prestaram serviços relevantes à comunidade religiosa.



27. (UNESP- 2012)

Elegia na morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, poeta e cidadão

A morte chegou pelo interurbano em longas espirais metálicas.

Era de madrugada. Ouvi a voz de minha mãe, viúva.

De repente não tinha pai.

No escuro de minha casa em Los Angeles procurei recompor

[tua lembrança

Depois de tanta ausência. Fragmentos da infância

Boiaram do mar de minhas lágrimas. Vi-me eu menino

Correndo ao teu encontro. Na ilha noturna

Tinham-se apenas acendido os lampiões a gás, e a clarineta

De Augusto geralmente procrastinava a tarde.

Era belo esperar-te, cidadão. O bondinho

Rangia nos trilhos a muitas praias de distância...

Dizíamos: "Ê-vem meu pai!". Quando a curva

Se acendia de luzes semoventes*, ah, corríamos

Corríamos ao teu encontro. A grande coisa era chegar antes

Mas ser marraio** em teus braços, sentir por último

Os doces espinhos da tua barba.

Trazias de então uma expressão indizível de fidelidade e paciência

Teu rosto tinha os sulcos fundamentais da doçura

De quem se deixou ser. Teus ombros possantes

Se curvavam como ao peso da enorme poesia

Que não realizaste. O barbante cortava teus dedos

Pesados de mil embrulhos: carne, pão, utensílios

Para o cotidiano (e frequentemente o binóculo

Que vivias comprando e com que te deixavas horas inteiras

Mirando o mar). Dize-me, meu pai

Que viste tantos anos através do teu óculo de alcance

Que nunca revelaste a ninguém?

Vencias o percurso entre a amendoeira e a casa como o atleta

[exausto no último lance da maratona.



Te grimpávamos. Eras penca de filho. Jamais

Uma palavra dura, um rosnar paterno. Entravas a casa

humilde

A um gesto do mar. A noite se fechava

Sobre o grupo familial como uma grande porta espessa.

Muitas vezes te vi desejar. Desejavas. Deixavas-te olhando

[o mar

Com mirada de argonauta. Teus pequenos olhos feios

Buscavam ilhas, outras ilhas... — as imaculadas, inacessíveis

Ilhas do Tesouro. Querias. Querias um dia aportar

E trazer — depositar aos pés da amada as joias fulgurantes

Do teu amor. Sim, foste descobridor, e entre eles

Dos mais provectos***. Muitas vezes te vi, comandante

Comandar, batido de ventos, perdido na fosforência

De vastos e noturnos oceanos

Sem jamais.

Deste-nos pobreza e amor. A mim me deste

A suprema pobreza: o dom da poesia, e a capacidade de amar

Em silêncio. Foste um pobre. Mendigavas nosso amor

Em silêncio. Foste um no lado esquerdo. Mas

Teu amor inventou. Financiaste uma lancha

Movida a água: foi reta para o fundo. Partiste um dia

Para um brasil além, garimpeiro sem medo e sem mácula.

Doze luas voltaste. Tua primogênita — diz-se —

Não te reconheceu. Trazias grandes barbas e pequenas águas-marinhas.

(Vinicius de Moraes. Antologia poética. 11 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1974, p. 180-181.)

(Dicionário Eletrônico Houaiss)

^(*) Semovente: "Que ou o que anda ou se move por si próprio."

^(**) Marraio: "No gude e noutros jogos, palavra que dá, a quem primeiro a grita, o direito de ser o último a jogar."

^(***) Provecto: "Que conhece muito um assunto ou uma ciência, experiente, versado, mestre."



Partiste um dia / Para um brasil além, garimpeiro sem medo e sem mácula.

O emprego da palavra brasil com inicial minúscula, no poema de Vinicius, tem a seguinte justificativa:

- a) O eu-poemático se serve da inicial minúscula para menosprezar o país.
- b) Empregar um nome próprio com inicial minúscula era comum entre os modernistas.
- c) O eu-poemático emprega "brasil" como metáfora de "paraíso", onde crê estar a alma de seu pai.
- d) O emprego da inicial maiúscula em nomes de países é facultativo.
- e) Na acepção em que é empregada no texto, a palavra "brasil" é um substantivo comum.

28. (FUVEST - 2014)

Revelação do subúrbio

Quando vou para Minas, gosto de ficar de pé, contra a [vidraça do carro*, vendo o subúrbio passar.

O subúrbio todo se condensa para ser visto depressa, com medo de não repararmos suficientemente em suas luzes que mal têm tempo de brilhar.

A noite como o subúrbio e logo o devolve, ele reage, luga, se esforça, até que vem o campo onde pela manhã repontam laranjais e à noite só existe a tristeza do Brasil.

Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do mundo, 1940.

(*) carro: vagão ferroviários para passageiros.

No poema de Drummond, a presença dos motivos da velocidade, da mecanização, da eletricidade e da metrópole configura-se como

- a) uma adesão do poeta ao mito do progresso, que atravessa as letras e as artes desde o surgimento da modernidade.
- b) manifestação do entusiasmo do poeta moderno pela industrialização por que, na época, passava o Brasil.
- c) marca da influência da estética futurista da Antropofagiana literatura brasileira do período posterior a 1940.
- d) uma incorporação, sob nova inflexão política e ideológica, de temas característicos das vanguardas que influenciaram o Modernismo antecedente.



e) uma crítica do poeta pós-modernista às alterações causa das, na percepção humana, pelo avanço indiscriminado da técnica na vida cotidiana.

29. (FUVEST - 2014)

A ROSA DE HIROXIMA

Pensem nas crianças

Mudas telepáticas

Pensem nas meninas

Cegas inexatas

Pensem nas mulheres

Rotas alteradas

Pensem nas feridas

Como rosas cálidas

Mas oh não se esqueçam

Da rosa da rosa

Da rosa de Hiroxima

A rosa hereditária

A rosa radioativa

Estúpida e inválida

A rosa com cirrose

A antirrosa atômica

Sem cor sem perfume

Sem rosa sem nada.

(Vinicius de Moraes, Antologia poética.)

Neste poema,

- a) a referência a um acontecimento histórico, ao privilegiar a objetividade, suprime o teor lírico do texto.
- b) parte da força poética do texto provém da associação da imagem tradicionalmente positiva da rosa a atributos negativos, ligados à ideia de destruição.
- c) o caráter politicamente engajado do texto é responsável pela sua despreocupação com a elaboração formal.



- d) o paralelismo da construção sintática revela que o texto foi escrito originalmente como letra de canção popular.
- e) o predomínio das metonímias sobre as metáforas responde, em boa medida, pelo caráter concreto do texto e pelo vigor de sua mensagem.

30. (UNIMONTES - 2007)

São Bernardo, obra-prima de Graciliano Ramos, pode ser caracterizada como

- a) romance de costumes.
- b) romance romântico regional.
- c) romance de Realismo mágico.
- d) romance de densidade psicológica.



3.2 – Gabarito

1. D

2. D

3. A

4. D

5. E

6. C

7. E

8. D

9. C

10. A

11. E

12. B

13. B

14. C

15. C

16. B

17. C

18. A

19. D

20. C

21. B

22. E

23. C

24. E

25. A

26. E

27. E

28. D

29. B

30. D



3.3 – Exercícios comentados

Modernismo de 22

1. (ITA - 2018)

O texto abaixo é uma das liras que integram Marília de Dirceu, de Tomás Antônio Gonzaga.

1.

Em uma frondosa

Roseira se abria

Um negro botão!

Marília adorada

O pé lhe torcia

Com a branca mão.

3.

Apenas lhe morde,

Marília, gritando,

Co dedo fugiu.

Amor, que no bosque

Estava brincando,

Aos ais acudiu.

5.

Se tu por tão pouco

O pranto desatas,

Ah! dá-me atenção:

E como daquele,

Que feres e matas,

Não tens compaixão?

2.

Nas folhas viçosas

A abelha enraivada

O corpo escondeu.

Tocou-lhe Marília,

Na mão descuidada

A fera mordeu.

4.

Mal viu a rotura,

E o sangue espargido,

Que a Deusa mostrou,

Risonho beijando

O dedo ofendido,

Assim lhe falou:

(GONZAGA, Tomás Antônio. Marília de Dirceu & Cartas Chilenas. 10. ed. São Paulo: Ática, 2011.)

Haicai tirado de unia falsa lira de Gonzaga

Quis gravar "Amor"

No tronco de um velho freixo:

"Marília" escrevi.

(BANDEIRA, Manuel. Estrela da vida inteira. 20 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.)

O poema abaixo retoma imagens presentes nas liras de Marília de Dirceu e no haicai de Manuel Bandeira, apresentados acima.

Passeio no bosque

o canivete na mão não deixa



marcas no tronco da goiabeira

cicatrizes não se transferem

(CACASO. Beijo na boca. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.)

Algumas pessoas, ao gravarem nomes, datas etc., nos troncos das árvores, buscam externar afetos ou sentimentos. Esse texto, contudo, registra uma experiência particular de alguém que, fazendo isso,

- a) se liberta das dores amorosas, pois as exterioriza de alguma forma.
- b) percebe que provocará danos irreversíveis à integridade da árvore.
- c) busca refúgio na solidão do espaço natural.
- d) se dá conta de que é impossível livrar-se dos sentimentos que o afligem.
- e) encontra dificuldade em gravar o tronco com um simples canivete.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois ao afirmar que "cicatrizes não se transferem", fica claro que o eu-lírico não se liberta das dores amorosas.

A alternativa B está incorreta, pois o eu-lírico faz uso metafórico do tronco da árvore, como uma referência a ele próprio.

A alternativa C está incorreta, pois a intenção do eu-lírico não é se refugiar, mas sim se livrar de sentimentos que o fazem sofrer.

A alternativa D está correta, pois quando diz que "cicatrizes não se transferem", o eu-lírico mostra que não é possível se livrar dos sofrimentos advindos dos sentimentos amorosos.

A alternativa E está incorreta, pois o eu-lírico emprega o canivete de maneira metafórica, indicando uma tentativa de tirar de dentro de si os sentimentos que lhe fazem mal.

Gabarito: D

2. (ITA - 2017)

Sobre o poema de Manuel Bandeira,

Irene no céu

Irene preta

Irene boa

Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:



– Licença, meu branco!

E São Pedro bonachão:

Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

(Em: Libertinagem. Rio de Janeiro: Pongetti, 1930.)

é INCORRETO afirmar que a relação afetiva entre o sujeito lírico e Irene

- a) faz com que a descrição dela seja permeada pela visão carinhosa dele.
- b) torna a linguagem mais coloquial, espelhando a ligação afetuosa dos dois.
- c) é responsável pelo tratamento informal dado a uma entidade religiosa.
- d) é um mero disfarce da desigualdade entre brancos e negros.
- e) é, na visão dele, compartilhada até mesmo por São Pedro.

Comentários: O poema, ainda que faça a referência às etnias (Irene preta e São Pedro branco), não se propõe a discutir criticamente a relação entre negros e brancos. Por isso, a alternativa incorreta é alternativa D.

A alternativa A não apresenta incorreção, pois o tom carinhoso fica explícito em expressões como "Irene boa" e na coloquialidade do diálogo entre Irene e São Pedro.

A alternativa B não apresenta incorreção, pois o uso do imperativo "entra", ao invés de "entre", como seria correto na norma culta, denota proximidade com a oralidade.

A alternativa C não apresenta incorreção, pois a personagem Irene se dirige ao santo com intimidade afetuosa, referindo-se a ele como "meu branco".

A alternativa E não apresenta incorreção, pois São Pedro afirma que Irene pode entrar sem pedir licença, o que denota intimidade e afetuosidade entre os dois.

Gabarito: D

3. (ITA - 2015)

O poema abaixo, de Manuel Bandeira, pertence ao livro Lira dos cinquentanos.

Velha chácara

A casa era por aqui...

Onde? Procuro-a e não acho.

Ouço uma voz que esqueci:

É a voz deste mesmo riacho.

Ah quanto tempo passou!

(Foram mais de cinquenta anos.)



Tantos que a morte levou!

(E a vida... nos desenganos...)

A usura fez tábua rasa

Da velha chácara triste:

Não existe mais a casa...

- Mas o menino ainda existe.

O poema apresenta uma diferença entre

- I. o passado (a infância) e o presente (a velhice) vivido pelo eu lírico.
- II. um espaço puramente natural (o campo) e outro sociofamiliar (a casa).
- III. o que é desfeito pelo tempo (a casa) e o que ele não apaga (a lembrança).
- IV. a chácara (espaço ideal) e a cidade (espaço arrasado pela usura).

Estão corretas apenas:

- a) I, II e III.
- b) I, II e IV.
- c) II e III.
- d) II, III e IV.
- e) III e IV.

Comentários:

O item I está correto, pois há uma oposição clara entre passado e presente. Isso fica claro em expressões como "A casa era por aqui" e "Ah quanto tempo passou".

O item II está correto, pois o "riacho", elemento natural, ainda é o mesmo, enquanto a "casa", elemento sociofamiliar, já não existe mais.

O item III está correto, pois há oposição entre aquilo que era material, como a casa, e se acabou, e o que é abstrato, como a memória, e permanece, driblando a ação do tempo.

O item IV está incorreto, pois não há no poema nenhuma referência ao espaço urbano, tornando essa oposição impossível.

Gabarito: A

4. (ITA - 2009)



Leia o poema abaixo, "O anel de vidro", de Manuel Bandeira.

Aquele pequenino anel que tu me deste,
Ai de mim – era vidro e logo se quebrou...
Assim também o eterno amor que prometeste,
Eterno! era bem pouco e cedo se acabou.

Frágil penhor que foi do amor que me tiveste, Símbolo da afeição que o tempo aniquilou – Aquele pequenino anel que tu me deste, Ai de mim – era vidro e logo se quebrou...

Não me turbou, porém, o despeito que investe Gritando maldições contra aquilo que amou. De ti conservo na alma a saudade celeste... Como também guardei o pó que me ficou Daquele pequenino anel que tu me deste.

Nesse texto,

- a) percebemos uma ironia típica dos modernistas ao desqualificar o amor romântico.
- b) existe uma revisão crítica da poesia de temática amorosa vinda do Romantismo.
- c) a temática amorosa (o fim do amor) é tratada com frieza e distanciamento.
- d) há lirismo sentimental, presente em boa medida pela retomada da quadrinha popular "O anel que tu me deste / Era vidro e se quebrou [...]".
- e) encontra-se um poema tipicamente romântico por retomar a conhecida quadrinha popular "O anel que tu me deste / Era vidro e se quebrou [...]".

Comentários: O poema toma como referência a canção popular "O anel que tu me deste / Era vidro e se quebrou [...]" para lamentar, de maneira lírica, o amor perdido do qual sente saudade. Há uma melancolia no tratamento da história, demonstrando uma das características de Manuel Bandeira: seu lirismo sentimental. Assim, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois não há desqualificação do amor, mas sim pesar pela não duração do sentimento por parte do outro.

A alternativa B está incorreta, pois não há o aparecimento de características românticas nesse poema, que se inspira mais na cultura popular.



A alternativa C está incorreta, pois o poeta demonstra pesar e melancolia para com o amor perdido.

A alternativa E está incorreta, pois apesar do romantismo olhar para as expressões populares como a quadrinha descrita, o poema é modernista, não romântico.

Gabarito: D

Texto para as questões 5 e 6

Profundamente

Quando ontem adormeci Estavam todos deitados

Na noite de São João Dormindo

Havia alegria e rumor Profundamente

Estrondos de bombas luzes de Bengala

Vozes cantigas e risos

Ao pé das fogueiras acesas.

Quando eu tinha seis anos

No meio da noite despertei Não pude ver o fim da festa de São João

Não ouvi mais vozes nem risos Porque adormeci

Apenas balões

Passavam errantes Hoje não ouço mais as vozes daquele

Silenciosamente tempo

Apenas de vez em quando Minha avó

O ruído de um bonde Meu avô

Cortava o silêncio Totônio Rodrigues

Como um túnel. Tomásia

Onde estavam todos os que há pouco Rosa

Dançavam Onde estão todos eles?

Cantavam

E riam Estão todos dormindo

Ao pé das fogueiras acesas? Estão todos deitados

Estavam todos dormindo Dormindo

Profundamente.

5. (ITA - 2008)



Apesar de ser um poema modernista, esse texto de Bandeira apresenta alguns traços herdados do Romantismo. Sobre tais traços, considere as seguintes afirmações:

- I. O poema é marcadamente autobiográfico, já que apresenta referências à família do escritor.
- II. No poema, há a rememoração um tanto saudosista da infância do poeta, vista como um período de grande felicidade.
- III. No poema, há a presença de elementos da cultura popular festa de São João –, que são valorizados no texto.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I.
- b) lell.
- c) Le III.
- d) apenas III.
- e) todas.

Comentários: Para responder a essa questão, você deve se recordar da sua aula de romantismo.

O item I está correto, pois de fato o olhar para as famílias, ou seja, para a individualidade, o particular, é um traço romântico.

O item II está correto, pois remeter-se ao passado é uma característica comum nas obras românticas.

O item III está correto, pois o romantismo de fato busca inspiração nas narrativas orais e nas canções populares.

Gabarito: E

6. (ITA - 2008)

Esse poema, contudo, não é propriamente romântico, não só porque o autor não pertence historicamente ao Romantismo, mas, sobretudo, porque

- a) o poema faz uma menção ao universo urbano ("o ruído de um bonde"), o que o afasta da preferência dos românticos pela natureza.
- b) as pessoas de que o poeta se lembra estão mortas ("Dormindo / Profundamente").
- c) não há no poema o chamado "escapismo" romântico, nem a idealização do passado, mas sim a consciência de que este não volta mais.
- d) o poema não possui nenhum traço emotivo explícito, o que o afasta da poesia romântica, que é marcadamente emotiva e sentimental.
- e) não há, no poema de Bandeira, a presença do amor, que é um tema recorrente na poesia romântica.



Comentários: O que separa o poema modernista do movimento romântico é a ausência de idealização. Os românticos possuíam uma visão idealizada o passado, principalmente do passado histórico, que representava a essência do país, a verdadeira cultura nacional. Aqui, o poeta não idealiza o passado, tampouco o entende como místico. Ele tem a consciência de que a morte é um caminho sem volta e que o passado não pode se repetir. Assim, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois há diversas obras urbanas no Romantismo. No Brasil, por exemplo, José de Alencar escreve diversos romances urbanos no período, como Senhora e Lucíola, por exemplo.

A alternativa B está incorreta, pois não há nada que impeça o tratamento da morte pelos românticos. Basta lembrar dos poetas da 2º geração romântica, fortemente ligados à ideia de morte.

A alternativa D está incorreta, pois o poema possui diversos traços sentimentais, inclusive na expressão da saudade das pessoas de sua família.

A alternativa E está incorreta, pois há a presença do amor, ainda que não erótico, no modo como o poeta descreve seu passado e sua família.

Gabarito: C

7. (ITA - 2004)

Vício na fala	Pronominais
Para dizerem milho dizem mio	Dê-me um cigarro
Para melhor dizem mió	Diz a gramática
Para pior pió	Do professor e do aluno
Para telha dizem teia	E do mulato sabido
Para telhado dizem teiado	Mas o bom negro e o bom branco
E vão fazendo telhados	Da Nação brasileira
	Dizem todos os dias
	Deixa disso camarada
	Me dá um cigarro

Leia os textos, de Oswald de Andrade, extraídos de Poesias reunidas (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978).

Esses poemas

- I mostram claramente a preocupação dos modernistas com a construção de uma literatura que levasse em conta o português brasileiro.
- II mostram que as variantes linguísticas, ligadas a diferenças socioeconômicas, são todas válidas.



III expõem a maneira cômica com que os modernistas, por vezes, tratavam de assuntos sérios.

IV possuem uma preocupação nacionalista, ainda que não propriamente romântica.

Estão corretas:

- a) lelV.
- b) I, II e III.
- c) I, II e IV.
- d) I, III e IV.
- e) todas.

Comentários:

O item I está correto, pois há o aparecimento de gírias e modos de falar próximos da oralidade e das variantes linguísticas populares do Brasil.

O item II está correto, pois principalmente no poema "Pronominais" há uma ideia de que o mais importante na fala é a comunicação e a possibilidade de ser compreendido, não o português alinhado com a norma culta necessariamente.

O item III está correto, pois aborda, ainda que não diretamente, questões de classe – ao sugerir a classe trabalhadora no poema "Vício na fala" – e questões de raça – ao citar o "bom negro e o bom branco" no poema "Pronominais".

O item IV está correto, pois os poemas demonstram preocupação com as variantes linguísticas brasileiras, elementos culturais típicos, portanto.

Gabarito: E

8. (UNIFESP - 2019)

Os	_ haviam	"civilizado"	а	imagem	do	índio,	injetando	nele	OS	padrões	s do
cavalheirismo d	convencior	nal. Os		, ao	cor	ntrário,	procurar	am ne	le e	no neg	ro o
primitivismo, q	ue injetara	ım nos padro	šes	s da civiliz	açã	o domi	nante con	no ren	ovaç	ção e qu	ebra
das convenções	s acadêmio	cas.									

(Antonio Candido. Iniciação à literatura brasileira, 2010. Adaptado.)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, por

- a) românticos e simbolistas.
- b) árcades e simbolistas.
- c) árcades e modernistas.
- d) românticos e modernistas.



e) simbolistas e modernistas.

Comentários: A imagem do índio brasileiro em nossa literatura apareceu de diferentes maneiras, dependendo do momento histórico e movimento literário. O Romantismo, numa tentativa de construção da ideia de identidade nacional, buscava na figura do indígena uma expressão genuinamente brasileira, ainda que entendesse os povos indígenas de maneira idealizada: fortes, corajosos e com alguns traços cristãos. Já no Modernismo brasileiro, a figura do indígena não é associada à uma idealização, ou seja, a personagem não é europeizada. Ainda que os modernistas também buscassem no indígena uma ideia de identidade nacional, não há um tratamento igual nos dois movimentos, já que os modernistas buscam se afastar das influencias colonizadoras. Assim, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois os simbolistas não têm preocupação em retratar os indígenas brasileiros.

A alternativa B está incorreta, pois nem árcades nem simbolistas constroem personagens indígenas em suas obras.

A alternativa C está incorreta, poisos árcades trabalham com um retorno à antiguidade clássica, não com os indígenas.

A alternativa E está incorreta, pois os simbolistas trabalham principalmente a ideia de sonho, não a temática indígena.

Gabarito: D

9. (UNESP - 2019)

Indo às consequências finais da posição de José de Alencar no Romantismo, esse autor adotou como base da sua obra o esforço de escrever numa língua inspirada pela fala corrente e os modismos populares, não hesitando em usar formas consideradas incorretas, desde que legitimadas pelo uso brasileiro. Com isso, foi o maior demolidor da "pureza vernácula" e do "culto da forma".

(Antonio Candido. Iniciação à literatura brasileira, 2010. Adaptado.)

- O texto refere-se a
- a) Olavo Bilac.
- b) Machado de Assis.
- c) Mário de Andrade.
- d) Aluísio Azevedo.
- e) Euclides da Cunha.

Comentários: Os escritores do Modernismo brasileiro, muito influenciados pelas vanguardas europeias do fim do século XIX e início do século XX, buscavam a inovação dos modos de fazer arte, tentando construir um produto baseado na cultura brasileira, afastando-se da estética colonizadora europeia. Um dos principais autores modernistas foi Mário de Andrade. Dentre suas características mais tocantes está



o uso da língua de acordo com as variantes linguísticas, tanto regionais quanto as expressões da oralidade, nem sempre alinhadas com a norma culta. Assim, a alternativa correta é alternativa C

A alternativa A está incorreta, pois Olavo Bilac é um poeta simbolista e, portanto, fixado na forma e na "pureza vernácula".

A alternativa B está incorreta, pois apesar de utilizar um linguajar mais popular, Machado de Assis prezava pela norma culta, não utilizando a variante linguística dessa maneira.

A alternativa D está incorreta, pois Aluísio Azevedo, autor naturalista, apesar de retratar o povo sem idealizações em suas obras, não reproduzia o linguajar popular em suas obras.

A alternativa E está incorreta, pois Euclides da Cunha, autor pré-modernista, fazia um trabalho próximo do jornalismo, bastante descritivo. Sua escrita, portanto, não tem por objetivo reproduzir o linguajar popular do Brasil.

Gabarito: C

10. (ESPM - 2018)

ESCAPULÁRIO1

No Pão de Açúcar

De Cada Dia

Dai-nos Senhor

A Poesia

De Cada Dia

(Oswald de Andrade)

Considere o texto, as características do autor e da 1.ª geração do Modernismo brasileiro para assinalar a afirmação incorreta.

- a) Ao iniciar quase todas as palavras com maiúscula, o autor demonstrou intenção sacrílega, já que "Senhor" perdeu o caráter de referir-se a Deus.
- b) Temas prosaicos, do dia a dia, são comuns ao autor e ao período literário vivido por ele, uma nítida oposição aos temas clássicos e elegantes do Parnasianismo.
- c) O desapreço às normas da gramática convencional faz-se presente na ausência de pontuação.
- d) Existe uma sutil ironia ao titular o poema com termo religioso e, através da paródia, solicitar-se algo não associado à prática litúrgica.

¹escapulário: faixa de tecido que frades e freiras de algumas ordens religiosas usam pendentes sobre o peito.



e) A linguagem coloquial, o despojamento, a referência a elementos cotidianos marcaram a postura dos modernistas pioneiros do Brasil.

Comentários: Ainda que o poema, ao colocar todas as palavras em letras maiúsculas, retire o peso e o destaque da palavra "Senhor", não há alteração do significado da palavra. A palavra "Senhor" segue referindo-se a Deus. Assim, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B não apresenta incorreção, pois o uso de expressões do cotidiano é uma característica modernista marcante.

A alternativa C não apresenta incorreção, pois os poetas modernistas propõe-se a questionar a norma culta, desprezando as convenções gramaticais.

A alternativa D não apresenta incorreção, pois o poema faz uma aproximação com a oração do "Pai Nosso", mas modifica-o para fazer uma exortação à poesia.

A alternativa E não apresenta incorreção, pois essas são de fato características modernistas.

Gabarito: A

Texto para as questões 11 e 12

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da

[Babilônia num barração sem número.

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

Manuel Bandeira. Libertinagem.

11. (FGV - 2017)

Considere as seguintes afirmações:

A filiação do poema à estética do Modernismo revela-se na

- I. escolha de assunto pertencente à esfera do cotidiano humilde e prosaico, em oposição ao Parnasianismo antecedente, que cultivava os temas ditos nobres, solenes e elevados.
- II. utilização de objeto ou texto já pronto ou constituído, alegadamente encontrado na realidade exterior, como base da composição poética.
- III. ruptura das fronteiras entre os gêneros literários tradicionais, que aparecem mesclados no texto.



Está correto o que se afirma em

- a) I, somente.
- b) I e II, somente.
- c) II e III, somente.
- d) I e III, somente.
- e) I, II e III.

Comentários:

O item I está correto, pois uma das oposições entre simbolismo e modernismo está justamente na escolha temática: o primeiro, com elementos ligados ao sonho e ao onírico; o segundo, ligado a elementos do cotidiano.

O item II está correto, pois o poema nomeadamente se baseia em um acontecimento cotidiano – uma notícia de jornal – para sua escrita.

O item III está correto, pois apesar de não ser possível afirmar que o fato tenha ocorrido verdadeiramente, o poema procura mimetizar o estilo jornalístico, tornando assim as fronteiras entre os gêneros mais fluidas.

Gabarito: E

12. (FGV - 2017)

Nesse poema de Bandeira, manifesta-se com bastante ênfase um aspecto temático amplamente considerado pela crítica como um dos mais característicos da poesia do autor, considerada em seu conjunto. Trata-se da

- a) profunda nostalgia em relação às coisas e pessoas já desaparecidas (tema do "ubi sunt").
- b) colisão entre a máxima efusão vital e a morte.
- c) figuração dramática da pobreza, para fins de militância política de esquerda.
- d) preferência pelos aspectos mais típicos e exóticos das personagens, destinados a produzir o pitoresco e a cor local.
- e) Exploração modernizada do tema classicista do "carpe diem" (aproveita o dia).

Comentários: Antes de revelar que o homem se suicida, o poeta expressa diversas outras ações suas, todas ligadas à vitalidade: beber, cantar e dançar. Essas ações, que demonstrariam aos olhos dos outros uma "pulsão de vida", coexistem com um desejo de morte: a personagem de dança, canta e se diverte é também aquela que escolhe morrer. Assim, a efusão vital e a morte coexistem. A alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois nesse poema não há o aparecimento de nostalgia pelos mortos. Ainda que fale sobre uma morte, não há saudosismo ou pesar, mas sim a descrição jornalística.



A alternativa C está incorreta, pois não há conotação política e/ou militância nesse poema, mas sim uma referência ao cotidiano.

A alternativa D está incorreta, pois o poema trata de um acontecimento trágico, sem exotismo ou vontade de representar um brasil pitoresco.

A alternativa E está incorreta, pois são os árcades quem se aproximam do tema do carpe diem, não os modernistas. Além disso, não há a ideia de que se deva "aproveitar o dia", mas sim a coexistência de sentimentos de vida e morte.

Gabarito: B

Texto para as questões 13 e 14

MACUNAÍMA

Uma feita a Sol cobrira os três manos duma escaminha de suor e Macunaíma se lembrou de tomar banho. Porém no rio era impossível por causa das piranhas tão vorazes que de quando em quando na luta pra pegar um naco de irmã espedaçada, pulavam aos cachos pra fora d'água metro e mais. Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia d'água. E a cova era que-nem a marca dum pé-gigante. Abicaram. O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pezão do Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, a água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas. Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. Macunaíma teve dó e consolou:

— Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não, porém pretume foi-se e antes fanhoso que sem nariz.

Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifara toda a água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribo dos Tapanhumas.

ANDRADE, Mário de. Macunaíma. 22. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

13. (IFPE - 2017)

De autoria de Mário de Andrade, Macunaíma é uma obra modernista cuja primeira publicação data de 1928. No trecho acima transcrito, Macunaíma e seus irmãos tomam banho numa água encantada, que os transformam em branco, índio e negro. A respeito dessa obra e do trecho acima transcrito, considere as assertivas a seguir.

I. O livro faz referência ao folclore brasileiro e se aproxima da linguagem oral, como se percebe em "E a cova era que-nem a marca dum pé-gigante".



- II. O trecho transcrito deve ser lido de forma simbólica, pois nota-se nele uma verossimilhança surrealista. Retratar os três irmãos como branco, índio e negro exemplifica isso.
- III. O índio Macunaíma aproxima-se, em conduta e ética, a um cavaleiro medieval lusitano, tanto é que "Quando [...] saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos".
- IV. A obra faz parte da primeira fase do modernismo brasileiro, cujo lirismo predomina nas longas lamentações do índio, como se observa em "Macunaíma teve dó e consolou: Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não, porém pretume foi-se e antes fanhoso que sem nariz.".
- V. Macunaíma é uma tentativa de construção da identidade do povo brasileiro. O trecho transcrito ilustra bem isso quando retrata Macunaíma, Jiguê e Maanape como branco, índio e negro, respectivamente.

Estão CORRETAS, apenas,

- a) II, III e IV.
- b) I, II e V.
- c) I, II e IV.
- d) III, IV e V.
- e) I, III e V.

Comentários:

A assertiva I está correta, pois há diversos usos da linguagem popular no texto – traço característico do autor e do movimento modernista brasileiro.

A assertiva II está correta, pois o trecho simboliza o "surgimento" das raças no Brasil, trazendo ainda alguns estereótipos raciais infelizmente comuns na sociedade brasileira: a de que ter a pele mais branca seria melhor do que a pele mais escura.

A assertiva III está incorreta, pois Macunaíma é o "herói sem caráter", ou seja, ele não possui atitudes morais ou cavalheirescas. Sua conduta é bastante questionável, o que fica claro pelo modo como comenta os acontecimentos com os irmãos.

A assertiva IV está incorreta, pois não há no trecho destacado lirismo, mas sim referência à cultura e falar popular do brasileiro.

A assertiva V está correta, pois a obra Macunaíma traz, nessa passagem, a formação do povo brasileiro: uma mistura de três raças diferentes que, apesar do que se tenta passar, não convivem em harmonia pois há questões sociais envolvidas que tornam o "ser branco" melhor do que o "ser negro".

Gabarito: B

14. (IFPE - 2017)



Macunaíma é uma obra da primeira geração modernista, cujo autor, Mário de Andrade, foi um dos mentores da Semana de Arte Moderna, de 1922. A respeito da primeira fase do Modernismo, podemos afirmar que

- a) seus romances valorizaram a cultura brasileira através de forte regionalismo, com influência da psicanálise de Freud.
- b) buscou uma maior aproximação com a realidade ao descrever os costumes, as relações sociais e a crise das instituições.
- c) propôs uma estética poética transgressora, que tentou romper com o tradicional, buscando a liberdade formal e a valorização do cotidiano.
- d) apresentou influência do Parnasianismo e do Simbolismo, forte academicismo e passadismo.
- e) cultuou o objetivismo e a linguagem culta e direta.

Comentários: Algumas das características mais importantes do Modernismo são a aproximação com a linguagem popular – na inserção de gírias e expressões de uso corrente, como regionalismos e variações linguísticas – e a crítica social voltada principalmente para a burguesia e seu modo de vida. A arte tem caráter revolucionário, rompendo com o tradicional inclusive na escolha dos temas poéticos, pois parte de elementos e situações cotidianas para sua produção. Assim, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois o regionalismo e as influências de Freud são mais tocantes no Modernismo de 30 (2ª fase), não no de 22.

A alternativa B está incorreta, pois o Modernismo de 22 não se preocupa em mimetizar a realidade. Pelo contrário, inspirados pelas vanguardas europeias, os modernistas buscavam falar sobre problemas do cotidiano de maneira reelaborada, muitas vezes se aproximando de mitos e lendas.

A alternativa D está incorreta, pois os modernistas buscam negar aquilo que era essencial aos parnasianos e simbolistas, principalmente no campo da forma, já que estes possuíam muito cuidado e apreço pela forma poética, enquanto os modernistas buscavam maior flexibilidade.

A alternativa E está incorreta, pois a linguagem dos modernistas é muito mais livre, usando elementos da linguagem popular e da oralidade, muitas vezes ignorando a norma culta.

Gabarito: C

15. (IME - 2015)

CONSOADA

(Manuel Bandeira)

Quando a Indesejada das gentes chegar

(Não sei se dura ou caroável),

Talvez eu tenha medo.

Talvez sorria, ou diga:



Alô, iniludível!

O meu dia foi bom, pode a noite descer.

(A noite com os seus sortilégios.)

Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,

A mesa posta,

Com cada coisa em seu lugar.

Disponível em: http://www.poesiaspoemaseversos.com.br> Acesso em: 29 Abr 2014.

Acerca da postura do autor diante da morte, pode-se afirmar que:

- a) revela-se doente e já à espera da morte.
- b) admite que tem muito medo da morte.
- c) se mostra conformado com a sua vinda, sem desejá-la.
- d) deseja alegremente a sua chegada.
- e) demonstra ainda não estar pronto para a sua chegada.

Comentários: A morte é chamada pelo poeta de "indesejada das gentes". Isso demonstra que ele não deseja a morte. Ao mesmo tempo, o poeta deixa claro que espera a morte "com cada coisa em seu lugar", ou seja, está conformado com sua chegada, ainda que não saiba se terá medo dela ou não.

A alternativa A está incorreta, pois não há indicação de que o poeta estivesse doente ou não.

A alternativa B está incorreta, pois ele diz que "pode ser que tenha medo", não afirma categoricamente que tem medo.

A alternativa D está incorreta, pois ele diz que "talvez sorria", não que a deseja alegremente.

A alternativa E está incorreta, pois o poeta, ao dizer que está com cada coisa em seu lugar, mostra estrar preparado.

Gabarito: C

Modernismo de 30

16. (ITA - 2019)

"Epigrama n. 04"

O choro vem perto dos olhos para que a dor transborde e caia.
O choro vem quase chorando como a onda que toca a praia.



Descem dos céus ordens augustas

e o mar chama a onda para o centro.

O choro foge sem vestígios,

mas levando náufragos dentro.

(MEIRELES, Cecília, Viagem/Vaga música. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.p.43)

Leia o poema de autoria de Cecília Meireles. O texto

- I. aproxima metaforicamente um fenômeno humano e um fenômeno natural a partir da identificação de, pelo menos, um traço comum a ambos: água em movimento.
- II. sugere que, enquanto o movimento do choro é ligado à variação das emoções, o movimento da onda deve-se a forças naturais, responsáveis pela circularidade marítima.
- III. ameniza o dramatismo do choro humano, pois, quando acomete o sujeito, ele passa naturalmente, como a onda que volta ao mar.
- IV. leva-nos a perceber que o choro contido tem um impacto emocional que o torna desolador.

Estão corretas:

- a) lellapenas;
- b) I, II e IV apenas;
- c) I, III e IV apenas;
- d) II e III apenas;
- e) todas.

Comentários:

A alternativa I está correta, pois os fenômenos são o choro e a onda que chega à praia.

A alternativa II está correta, pois o verso "para que a dor transborde e caia" associa o choro a emoções dolorosas e o verso "Descem dos céus ordens augustas" associa, de maneira metafórica a forma como as marés estão associadas a fenômenos físicos (fases da lua).

A alternativa III está incorreta, pois no fim do poema, nos versos "O choro foge sem vestígios mas levando náufragos dentro" fica claro o estrago deixado pelo choro.

A alternativa IV está correta, pois no fim do poema, nos versos "O choro foge sem vestígios, mas levando náufragos dentro" fica claro o estrago deixado pelo choro.

Gabarito: B



17. (ITA - 2014)

Acerca da representação da infância em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, é **INCORRETO** dizer que

- a) tanto o menino mais velho como o mais novo encontram pouca alegria no ambiente inóspito em que vivem.
- b) os dois meninos sentem muito afeto pela cachorra Baleia, companheira inseparável da família.
- c) o menino mais velho se rebela contra a situação da família e contra a brutalidade de Sinhá Vitória.
- d) o menino mais novo quer ser igual ao pai e o mais velho entra em conflito com a mãe quando falam sobre o inferno.
- e) quando o menino mais velho associa o lugar em que vive com a ideia de inferno, começa a deixar de ser criança.

Comentários:

A alternativa A está correta, pois a obra Vidas Secas retrata a trajetória de uma família atravessando a seca, situação de poucas oportunidades de alegria e descontração, em que se luta pela sobrevivência.

A alternativa B está correta, pois o livro retrata Baleia como uma das poucas fontes de diversão dos meninos.

A alternativa C está incorreta, pois os personagens não se rebelam contra o meio em que vivem, nem uns com os outros. Os meninos obedecem aos pais como parte de sua sobrevivência. Além disso, também faz parte da proposta do livro mostrar o quanto a luta pela sobrevivência centraliza tudo, impedindo mais questionamentos.

A alternativa D está correta, pois o pai serve como único exemplo de estilo de vida e força para os meninos na luta pela sobrevivência. A pergunta sobre o inferno pode ser vista pelo trecho da obra "Deu-se aquilo porque Sinhá Vitória não conversou um instante com o menino mais velho. Ele nunca tinha ouvido falar em inferno. Estranhando a linguagem de sinhá Terta, pediu informações. Sinhá Vitória, distraída, aludiu vagamente a certo lugar ruim demais, e como o filho exigisse uma descrição, encolheu os ombros."

A alternativa E está correta, pois é a partir desse momento que ele começa a se dar conta da magnitude da luta contra a seca pela sobrevivência e acaba assim, sua vida despreocupada como criança e ele começa a responsabilizar-se também por sobreviverem todos.

Gabarito: C

18. (ITA - 2009)

Leia o poema abaixo, "Inscrição na areia", de Cecília Meireles.

O meu amor não tem

importância nenhuma.



Não tem o peso nem de uma rosa de espuma!

Desfolha-se por quem? Para quem se perfuma?

O meu amor não tem importância nenhuma.

Nesse texto,

- a) há lirismo sentimental, pois, ao contrário do que o texto diz, nota-se que o amor tem importância para a autora.
- b) percebe-se que a ironia tão comum na poesia modernista desmonta a crença no amor romântico.
- c) encontra-se a declaração da impossibilidade do amor romântico na poesia moderna.
- d) o sentimentalismo do poema é bastante marcante (veja-se a pontuação), o que faz dele um texto de filiação romântica.
- e) a expressão do amor é romântica, o que se nota pelas referências aos elementos da natureza.

Comentários:

A alternativa A está correta, pois percebe-se que a autora sofre com a desvalorização de seu amor, que ela pensa que deve ser valorizado e, portanto, possui importância para ela.

A alternativa B está incorreta, pois não há ironia e sim uma tristeza melancólica.

A alternativa C está incorreta, pois não há declaração de impossibilidade do amor romântico e sim lamentação de um amor romântico que não foi tratado como deveria.

A alternativa D está incorreta, pois o sentimentalismo do poema é bastante delicado e sutil, sem exageros.

A alternativa E está incorreta, pois a única referência a elementos da natureza é a menção de uma rosa, o que não qualifica o poema como romântico.

Gabarito: A

19. (FM Petrópolis - 2019)

Romanceiro da Inconfidência

Romance XXIV



Atrás de portas fechadas, à luz de velas acesas, brilham fardas e casacas, junto com batinas pretas. ⁵E há finas mãos pensativas, entre galões, sedas, rendas, e há grossas mãos vigorosas, de unhas fortes, duras veias, e há mãos de púlpito e altares, ¹⁰de Evangelhos, cruzes, bênçãos. Uns são reinóis, uns, mazombos; e pensam de mil maneiras; mas citam Vergílio e Horácio, e refletem, e argumentam, ¹⁵falam de minas e impostos, de lavras e de fazendas, de ministros e rainhas e das colônias inglesas.

Atrás de portas fechadas,

20à luz de velas acesas,
uns sugerem, uns recusam,
uns ouvem, uns aconselham.
Se a derrama for lançada,
há levante, com certeza.

25Corre-se por essas ruas?
Corta-se alguma cabeça?
Que bandeira se desdobra?
Com que figura ou legenda?

Atrás de portas fechadas, 30à luz de velas acesas, entre sigilo e espionagem, acontece a Inconfidência.

Liberdade, ainda que tarde, ouve-se em redor da mesa.

35 E a bandeira já está viva, e sobe, na noite imensa.

E os seus tristes inventores já são réus — pois se atreveram a falar em Liberdade

40 (que ninguém sabe o que seja).

Liberdade – essa palavra, que o sonho humano alimenta: que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda!

45E a vizinhança não dorme:
 murmura, imagina, inventa.
 Não fica bandeira escrita,
 mas fica escrita a sentença.

MEIRELES, Cecília. Romanceiro da Inconfidência. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953. p.103-105. Fragmento.



Entre as diversas faces da obra poética de Cecília Meireles, o texto exemplifica o seguinte aspecto:

- a) poética marcada pela abordagem da morte, da fugacidade do tempo e da precariedade da vida humana.
- b) profundo espiritualismo, com desenvolvimento de temas como a transitoriedade da vida, o infinito, o amor, a solidão.
- c) lirismo extremamente pessoal, de inspiração popular e tradicional, com a dominância da musicalidade.
- d) temática de cunho histórico-social em versos curtos, com elementos dramáticos, épicos e líricos na defesa da liberdade.
- e) atmosfera de sonho, fantasia, intimismo e misticismo em seus poemas, com presença de impressões sensoriais.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois não há menção de fugacidade e de precariedade da vida humana desse poema.

A alternativa B está incorreta, pois esse poema não aborda espiritualismo e questões existenciais.

A alternativa C está incorreta, pois a abordagem do poema não trata de lirismo pessoal, é na verdade, sobre terceiros.

A alternativa D está correta, pois o próprio título já dá a pista de se tratar de uma temática histórica ao se referir à "inconfidência".

A alternativa E está incorreta, pois o texto não apresenta uma atmosfera onírica, muito pelo contrário.

Gabarito: D

20. (USF - 2019)

Texto I

Cantiga de enganar.

O mundo não vale o mundo,

meu bem.

Eu plantei um pé-de-sono,

brotaram vinte roseiras.

Se me cortei nelas todas

e se todas se tingiram

de um vago sangue jorrado

ao capricho dos espinhos,



não foi culpa de ninguém.

O mundo,

meu bem,

não vale

a pena e a face serena vale a face torturada.

[...]

Andrade, Carlos Drummond de. Claro enigma – 1.ed. – São Paulo: Companhia da Letras, 2012. p. 35-7.

Texto II

Amar

Que pode uma criatura senão, entre criaturas, amar? amar e esquecer, amar e malamar, amar, desamar, amar? sempre, e até de olhos vidrados amar? [...]

Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração expectante,
e amar o inóspito, o áspero,
um vaso sem flor, um chão de ferro,
e o peito inerte, e a rua vista em sonho, e uma ave de rapina.

Este o nosso destino: amor sem conta, distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas, doação ilimitada a uma completa ingratidão, e na concha vazia do amor a procura medroso, paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesma de amor, e na secura nossa amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.

Andrade, Carlos Drummond de. Claro enigma – 1.ed. – São Paulo: Companhia da Letras, 2012. p.43.



Os textos, em consonância com a leitura da obra na íntegra, e tendo por base os parâmetros ideológicos de *Claro enigma*, nos permitem afirmar corretamente que

- a) o texto 1 mostra a ironia de um eu lírico desencantado com a existência, ou com o que sobrou dela, num diálogo com *A máquina do mundo*, enquanto o texto 2 evoca o amor como elemento de conexão do homem com seu passado, como ocorre em *A mesa*.
- b) o texto 1 retoma o tom introspectivo de poemas que reverberam a angústia do homem na busca de um sentido para a vida, como em *Perguntas em forma de cavalo marinho*, enquanto o texto 2 simplifica a existência ao condicioná-la ao amor, fonte máxima de prazer e dor.
- c) o texto 1 registra um eu lírico desencantado com a vida, repercutindo o tom melancólico que se observa em textos como *Dissolução*; já o eu lírico do texto 2 fala da experiência amorosa de caráter compulsório, pois considera o amor uma espécie de condenação involuntária.
- d) o texto 1 reforça o tom niilista que acompanha os demais poemas do livro, como vemos no poema *Oficina Irritada*, enquanto que o texto 2 retoma a necessidade de espalhar o amor como única maneira de reagir à destruição imanente ao ser humano.
- e) o texto 1 tem caráter social, pois promove uma reflexão acerca do estar em um mundo desfigurado no período pós Segunda Guerra, enquanto que o texto 2 retoma a busca pelo equilíbrio por meio do amor, individual e coletivo, como também se observa em *Memória*.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois o eu lírico não se utiliza da ironia no texto 1 para retratar seu desencanto com o mundo.

A alternativa B está incorreta, pois o eu lírico não constrói o poema 1 de forma introspectiva.

A alternativa C está correta, pois percebe-se o tom melancólico na forma como o desencanto é trazido no texto 1. Além disso, o amor é de fato visto como uma ação involuntária do individual, da qual ele não consegue escapar.

A alternativa D está incorreta, pois o texto 2 não retrata o amor como solução para a destruição do homem.

A alternativa E está incorreta, pois o texto 2 trata de desequilíbrio pelo amor, visto como uma compulsão.

Gabarito: C

21. (FUVEST - 2018)

(...) procurei adivinhar o que se passa na alma duma cachorra. Será que há mesmo alma em cachorro? Não me importo. O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás. Exatamente o que todos nós desejamos. A diferença é que eu quero que eles



apareçam antes do sono, e padre Zé Leite pretende que eles nos venham em sonhos, mas no fundo todos somos como a minha cachorra Baleia e esperamos preás. (...)

Carta de Graciliano Ramos a sua esposa.

(...) Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritó onde sinha Vitória guardava o cachimbo.

(...)

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

Graciliano Ramos, Vidas secas.

As declarações de Graciliano Ramos na Carta e o excerto do romance permitem afirmar que a personagem Baleia, em Vidas secas, representa

- a) o conformismo dos sertanejos.
- b) os anseios comunitários de justiça social.
- c) os desejos incompatíveis com os de Fabiano.
- d) a crença em uma vida sobrenatural.
- e) o desdém por um mundo melhor.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois Graciliano mostra-se inconformado em sua carta com a atual realidade social, usando a cachorra como metáfora para o homem em vidas precárias, tratado como bicho.

A alternativa B está correta, pois ele utiliza a metáfora da cachorra que quer muitos preás para representar o desejo por abundância de alguns que vivem injustamente com muito pouco.

A alternativa C está incorreta, pois é possível perceber que a carta e o trecho da obra apresentam ideias metafóricas semelhantes, não opostas: "no fundo todos somos como a minha cachorra Baleia e esperamos preás" e "O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes".

A alternativa D está incorreta, pois não há menção nenhuma sobre uma vida sobrenatural em nenhum dos trechos.

A alternativa E está incorreta, pois os trechos mostrar desejo, não desdém. O trecho "Exatamente o que todos nós desejamos" da carta explicita isso.

Gabarito: B

22. (FUVEST - 2018)



Os bens e o sangue

VIII

(...)

Ó filho pobre, e **descorçoado***, e finito ó inapto para as cavalhadas e os trabalhos brutais com a faca, o formão, o couro... Ó tal como quiséramos para tristeza nossa e consumação das eras, para o fim de tudo que foi grande!

Ó desejado,

ó poeta de uma poesia que se furta e se expande
à maneira de um lago de **pez**** e resíduos letais...
És nosso fim natural e somos teu adubo,
tua explicação e tua mais singela virtude...
Pois carecia que um de nós nos recusasse
para melhor servir-nos. Face a face
te contemplamos, e é teu esse primeiro
e úmido beijo em nossa boca de barro e de sarro.

Carlos Drummond de Andrade, Claro enigma.

Glossário

- *descorçoado: assim como "desacorçoado", é uma variante de uso popular da palavra "desacoroçoado", que significa "desanimado".
- **pez: piche

Considere as seguintes afirmações:

- I. Os familiares, que falam no poema, ironizam a condição frágil do poeta.
- II. O passado é uma maldição da qual o poeta, como revela o título do poema, não consegue se desvencilhar.
- III. O trecho "o fim de tudo que foi grande" remete à ruína das oligarquias, das quais Drummond é tributário.
- IV. A imagem de uma "poesia que se furta e se expande/à maneira de um lago de pez e resíduos letais..." sintetiza o pessimismo dos poemas de *Claro enigma*.

Estão corretas:

a) I e II, apenas.



- b) I, II e III, apenas.
- c) II e IV, apenas.
- d) I, III e IV, apenas.
- e) I, II, III e IV.

Comentários

Nesse excerto do poema "Os bens e o sangue", a família do eu lírico deserda o seu descendente de todos os bens materiais. Tal atitude permite deduzir a tensão entre o poeta e a família, principalmente por expressar o sentimento de desconforto e não pertencimento ao olhar para o "vasto mundo" que o rodeia e também pela relação com sua cidade natal, já que se trata de um descendente de fazendeiros (o que pode ser considerada uma oligarquia, governo de poucos) que abandona o universo rural e parte para a grande cidade.

Isso contribui para o sentimento de pessimismo do eu lírico que se transmite também ao fazer poético: "poesia que se furta e se expande/à maneira de um lago de pez e resíduos letais...".

Logo, todas estão corretas e o gabarito é a letra E.

Gabarito: E.

23. (ESPM - 2017)

A respeito da obra **São Bernardo**, de Graciliano Ramos, o crítico literário e professor João Luiz Lafetá afirma:

Todo valor se transforma – ilusoriamente – em valor-de-troca. E toda relação humana se transforma – destruidoramente – numa relação entre coisas, entre possuído e possuidor. Tal é a relação estabelecida entre Paulo Honório e o mundo. Seu desenvolvido sentimento de propriedade leva-o a considerar todos que o cercam como coisas que se manipulam à vontade e se possui.

O trecho de **São Bernardo** que melhor exemplifica a análise do crítico literário é:

- a) "Com efeito, se me escapa o retrato moral de minha mulher, para que serve esta narrativa? Para nada, mas sou forçado a escrever."
- b) "Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo."
- c) "Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos."
- d) "E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda a parte! A desconfiança é também uma consequência da profissão."
- e) "A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste."



Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois mostra Paulo Honório confuso sobre seu projeto de narrar a própria vida.

A alternativa B está incorreta, pois retrata o arrependimento de Paulo Honório percebendo o quanto havia sido injusto com Madalena.

A alternativa C está correta, pois mostra a associação de patrão e funcionários como um relacionamento entre aquele que possui e os possuídos.

A alternativa D está incorreta, pois mostra um dos momentos de desconfiança paranoica de Paulo Honório.

A alternativa E está incorreta, pois mostra um dos momentos de reflexão final em que Paulo Honório rememora sua vida e seus erros.

Gabarito: C

24. (FUVEST - 2017)

Considere as imagens e o texto, para responder às próximas questões.



Fachada da igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto.



Perspectiva da nave da mesma igreja.

II / São Francisco de Assis*

Senhor, não mereço isto.

Não creio em vós para vos amar.

Trouxestes-me a São Francisco

e me fazeis vosso escravo.



Não entrarei, senhor, no templo, seu frontispício me basta. Vossas flores e querubins são matéria de muito amar.

Dai-me, senhor, a só beleza destes ornatos. E não a alma. Pressente-se dor de homem, paralela à das cinco chagas.

Mas entro e, senhor, me perco na rósea nave triunfal. Por que tanto baixar o céu? por que esta nova cilada?

Senhor, os púlpitos mudos entretanto me sorriem. Mais que vossa igreja, esta sabe a voz de me embalar.

Perdão, senhor, por não amarvos.

Carlos Drummond de Andrade

Analise as seguintes afirmações relativas à arquitetura das igrejas sob a estética do Barroco:

- I. Unem-se, no edifício, diferentes artes, para assaltar de uma vez os sentidos, de modo que o público não possa escapar.
- II. O arquiteto procurava surpreender o observador, suscitando nele uma reação forte de maravilhamento.
- III. A arquitetura e a ornamentação dos templos deviam encenar, entre outras coisas, a preeminência da Igreja.

^{*}O texto faz parte do conjunto de poemas "Estampas de Vila Rica", que integra a edição crítica de Claro enigma. São Paulo: Cosac Naify, 2012.



A experiência que se expressa no poema de Drummond registra, em boa medida, as reações do eu lírico ao que se encontra registrado em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) II e III, apenas.
- d) I e III, apenas.
- e) I, II e III.

Comentários

Todas as proposições estão corretas, mas é uma questão complexa, que alia um poema modernista à teoria e crítica da arte. Parte-se do pressuposto que características básicas do barroco, como exagero e rebuscamento, fossem reconhecidas.

O barroco mineiro foi marcado pelo predomínio da Igreja, no plano cultural e social, exercido sobre a população de Minas Gerais no século XVIII.

Afirmação I: a pessoa não pode escapar, pois está assoberbada diante de tanto luxo.

Afirmação II: o efeito encantatório é realmente uma das principais pretensões do artista.

Afirmação III: a Igreja era uma obra de arte não à toa, mas para ressaltar o poder e a influência, inclusive econômica, da Igreja.

Gabarito: E

25. (UNESP - 2017)

Leia a crônica "Seu 'Afredo'", de Vinicius de Moraes (1913-1980), publicada originalmente em setembro de 1953.

Seu Afredo (ele sempre subtraía o "l" do nome, ao se apresentar com uma ligeira curvatura: "Afredo Paiva, um seu criado...") tornou-se inesquecível à minha infância porque tratava-se muito mais de um linguista que de um encerador. Como encerador, não ia muito lá das pernas. Lembro-me que, sempre depois de seu trabalho, minha mãe ficava passeando pela sala com uma flanelinha debaixo de cada pé, para melhorar o lustro. Mas, como linguista, cultor do vernáculo1 e aplicador de sutilezas gramaticais, seu Afredo estava sozinho.

Tratava-se de um mulato quarentão, ultrarrespeitador, mas em quem a preocupação linguística perturbava às vezes a colocação pronominal. Um dia, numa fila de ônibus, minha mãe ficou ligeiramente ressabiada2 quando seu Afredo, casualmente de passagem, parou junto a ela e perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular: — Onde vais assim tão elegante?

Nós lhe dávamos uma bruta corda. Ele falava horas a fio, no ritmo do trabalho, fazendo os mais deliciosos pedantismos que já me foi dado ouvir. Uma vez, minha mãe, em meio à lide3



caseira, queixou-se do fatigante ramerrão 4 do trabalho doméstico. Seu Áfredo virou-se para ela e disse:

Dona Lídia, o que a senhora precisa fazer é ir a um médico e tomar a sua quilometragem.
 Diz que é muito bão.

De outra feita, minha tia Graziela, recém-chegada de fora, cantarolava ao piano enquanto seu Afredo, acocorado perto dela, esfregava cera no soalho. Seu Afredo nunca tinha visto minha tia mais gorda. Pois bem: chegou-se a ela e perguntou-lhe:

- Cantas?

Minha tia, meio surpresa, respondeu com um riso amarelo:

– É, canto às vezes, de brincadeira...

Mas, um tanto formalizada, foi queixar-se a minha mãe, que lhe explicou o temperamento do nosso encerador:

- Não, ele é assim mesmo. Isso não é falta de respeito, não. É excesso de... gramática.

Conta ela que seu Afredo, mal viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado e falou:

- Olhe aqui, dona Lídia, não leve a mal, mas essa menina, sua irmã, se ela pensa que pode cantar no rádio com essa voz, 'tá redondamente enganada. Nem em programa de calouro!
- E, a seguir, ponderou:
- Agora, piano é diferente. Pianista ela é!

E acrescentou:

- Eximinista pianista!

(Para uma menina com uma flor, 2009.)

1 vernáculo: a língua própria de um país; língua nacional.

2 ressabiado: desconfiado.

3 lide: trabalho penoso, labuta.

4 ramerrão: rotina.

Um traço característico do gênero crônica, visível no texto de Vinicius de Moraes, é

- a) o tom coloquial.
- b) a sintaxe rebuscada.
- c) o vocabulário opulento.
- d) a finalidade pedagógica.
- e) a crítica política.

Comentários



Alternativa "a": correta – gabarito. Expressões como "não ia muito lá das pernas", "mulato quarentão", "muito bão" e "nunca tinha visto minha tia mais gorda" fazem parte do discurso do cotidiano condizente com o tom coloquial, característico da crônica.

Alternativa "b": incorreta. Essa seria uma característica talvez do parnasianismo.

Alternativa "c": incorreta. Opulento significa que possui muitos bens, grandes riquezas; abastado, rico; o que apresenta, denota luxuosidade; luxuoso, faustuoso, suntuoso (dicionário Houaiss), o que não vem ao caso.

Alternativa "d": incorreta. Essa seria uma característica talvez do gênero fábula.

Alternativa "e": incorreta. Uma crônica pode ter esse viés, mas não aqui.

Gabarito: A

26. (FUVEST - 2016)

¹Omolu espalhara a bexiga na cidade. Era uma vingança contra a cidade dos ricos. Mas os ricos tinham a vacina, que sabia Omolu de vacinas? Era um pobre deus das florestas d'África. Um deus dos negros pobres. Que podia saber de vacinas? Então a bexiga desceu e assolou o povo de Omolu. Tudo que Omolu pôde fazer foi transformar a bexiga de negra em alastrim*, bexiga branca ⁵e tola. Assim mesmo morrera negro, morrera pobre. Mas Omolu dizia que não fora o alastrim que matara. Fora o lazareto**. Omolu só queria com o alastrim marcar seus filhinhos negros. O lazareto é que os matava. Mas as macumbas pediam que ele levasse a bexiga da cidade, levasse para os ricos latifundiários do sertão. Eles tinham dinheiro, léguas e léguas de terra, mas não sabiam tampouco da vacina. O Omolu diz que vai pro sertão. E os negros, os ogãs***, as filhas e pais de ¹ºsanto cantam:

Ele é mesmo nosso pai e

é quem pode nos ajudar...

Omolu promete ir. Mas para que seus filhos negros não o esqueçam avisa no seu cântico de despedida:

¹⁵Ora, adeus, ó meus filhinhos,

Qu'eu vou e torno a vortá...

E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas, numa noite de mistério da Bahia, Omolu pulou na máquina da Leste Brasileira e foi para o sertão de Juazeiro. A bexiga foi com ele.

Jorge Amado, Capitães da Areia.

^{*}alastrim: doença eruptiva infectocontagiosa; forma benigna da varíola.

^{**}lazareto: estabelecimento para isolamento sanitário de pessoas atingidas por determinadas doenças.

^{***}**ogã**: no candomblé e religiões afins, título e cargo atribuído àqueles capazes de auxiliar e proteger a casa de culto e aos que prestaram serviços relevantes à comunidade religiosa.



Considere as seguintes afirmações referentes ao texto de Jorge Amado:

- I. Do ponto de vista do excerto, considerado no contexto da obra a que pertence, a religião de origem africana comporta um aspecto de resistência cultural e política.
- II. Fica pressuposta no texto a ideia de que, na época em que se passa a história nele narrada, o Brasil ainda conservava formas de privação de direitos e de exclusão social advindas do período colonial.
- III. Os contrastes de natureza social, cultural e regional que o texto registra permitem concluir corretamente que o Brasil passou por processos de modernização descompassados e desiguais.

Está correto o que se afirma em:

- a) I, somente.
- b) II, somente.
- c) I e II, somente.
- d) II e III, somente.
- e) I, II e III.

Comentários

Essa questão se insere aqui por causa da menção à noção de pressuposto na afirmação II. É uma questão de nível difícil, pois os vestibulandos teriam de conhecer essa obra específica e termos específicos também. "O Orixá Iorimá ou Omulú é quem renova os espíritos, o senhor das doenças, quem zela pelos mortos e rege os cemitérios. É conhecido como o campo santo dentre o mundo real e espiritual. Omulú é filho de Nanã e irmão de Oxumarê. Possui poderes para causar doenças, principalmente epidemias, e também para curá-las". Já um Orixá significa "designação genérica das divindades cultuadas pelos iorubas do Sudoeste da atual Nigéria, e também de Benin e do Norte do Togo, trazidas para o Brasil pelos negros escravizados dessas áreas e aqui incorporadas por outras seitas religiosas [Os mitos se revelam frequentemente como ancestrais divinizados que se transformaram em rios, árvores, pedras etc. e que fazem de intermediários entre os homens e as forças naturais e sobrenaturais]" (Houaiss).

Logo, podemos assinalar a afirmação I como certa. O trecho "Era uma vingança contra a cidade dos ricos" (L. 1) nos indica isso: que se trata de uma entidade poderosa, pronta a ajudá-los. E também: "Mas as macumbas pediam que ele levasse a bexiga da cidade, levasse para os ricos latifundiários do sertão" (L. 7-8). Nesse trecho, fica claro que a entidade toma posicionamento, ela adota um viés.

Isso também se relaciona com a afirmação de número II: os negros pediam em suas orações que a doença atingisse os ricos e não a eles, o que <u>pressupõe</u> dizer que eles não tinham o privilégio da saúde. Percebam: a entidade se sente tão próxima a seus filhos que adota a mesma linguagem: "Qu'eu vou e torno a vortá..." (L. 16). O período colonial no Brasil dura de 1500 até 1822, com a Independência. Já a escravidão em si perdurou bem mais, persistindo' até o Segundo Império (1888). Para maiores esclarecimentos, consultar o cronograma de História.

Toda essa marca de pobreza e miséria em contraposição a privilégios <u>pressupostos</u> levam-nos a julgar a afirmação III como certa também, uma vez que o processo de desigualdade social no Brasil é fortemente destacado nesse texto.



Gabarito: E

27. (UNESP- 2012)

Elegia na morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, poeta e cidadão

A morte chegou pelo interurbano em longas espirais metálicas.

Era de madrugada. Ouvi a voz de minha mãe, viúva.

De repente não tinha pai.

No escuro de minha casa em Los Angeles procurei recompor

[tua lembrança

Depois de tanta ausência. Fragmentos da infância

Boiaram do mar de minhas lágrimas. Vi-me eu menino

Correndo ao teu encontro. Na ilha noturna

Tinham-se apenas acendido os lampiões a gás, e a clarineta

De Augusto geralmente procrastinava a tarde.

Era belo esperar-te, cidadão. O bondinho

Rangia nos trilhos a muitas praias de distância...

Dizíamos: "Ê-vem meu pai!". Quando a curva

Se acendia de luzes semoventes*, ah, corríamos

Corríamos ao teu encontro. A grande coisa era chegar antes

Mas ser marraio** em teus braços, sentir por último

Os doces espinhos da tua barba.

Trazias de então uma expressão indizível de fidelidade e paciência

Teu rosto tinha os sulcos fundamentais da doçura

De quem se deixou ser. Teus ombros possantes

Se curvavam como ao peso da enorme poesia

Que não realizaste. O barbante cortava teus dedos

Pesados de mil embrulhos: carne, pão, utensílios

Para o cotidiano (e frequentemente o binóculo

Que vivias comprando e com que te deixavas horas inteiras

Mirando o mar). Dize-me, meu pai

Que viste tantos anos através do teu óculo de alcance

Que nunca revelaste a ninguém?

Vencias o percurso entre a amendoeira e a casa como o atleta



[exausto no último lance da maratona.

Te grimpávamos. Eras penca de filho. Jamais

Uma palavra dura, um rosnar paterno. Entravas a casa

humilde

A um gesto do mar. A noite se fechava

Sobre o grupo familial como uma grande porta espessa.

Muitas vezes te vi desejar. Desejavas. Deixavas-te olhando

[o mar

Com mirada de argonauta. Teus pequenos olhos feios

Buscavam ilhas, outras ilhas... — as imaculadas, inacessíveis

Ilhas do Tesouro. Querias. Querias um dia aportar

E trazer — depositar aos pés da amada as joias fulgurantes

Do teu amor. Sim, foste descobridor, e entre eles

Dos mais provectos***. Muitas vezes te vi, comandante

Comandar, batido de ventos, perdido na fosforência

De vastos e noturnos oceanos

Sem jamais.

Deste-nos pobreza e amor. A mim me deste

A suprema pobreza: o dom da poesia, e a capacidade de amar

Em silêncio. Foste um pobre. Mendigavas nosso amor

Em silêncio. Foste um no lado esquerdo. Mas

Teu amor inventou. Financiaste uma lancha

Movida a água: foi reta para o fundo. Partiste um dia

Para um brasil além, garimpeiro sem medo e sem mácula.

Doze luas voltaste. Tua primogênita — diz-se —

Não te reconheceu. Trazias grandes barbas e pequenas águas-marinhas.

(Vinicius de Moraes. Antologia poética. 11 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1974, p. 180-181.)

(Dicionário Eletrônico Houaiss)

^(*) Semovente: "Que ou o que anda ou se move por si próprio."

^(**) Marraio: "No gude e noutros jogos, palavra que dá, a quem primeiro a grita, o direito de ser o último a jogar."

^(***) Provecto: "Que conhece muito um assunto ou uma ciência, experiente, versado, mestre."



Partiste um dia / Para um brasil além, garimpeiro sem medo e sem mácula.

O emprego da palavra brasil com inicial minúscula, no poema de Vinicius, tem a seguinte justificativa:

- a) O eu-poemático se serve da inicial minúscula para menosprezar o país.
- b) Empregar um nome próprio com inicial minúscula era comum entre os modernistas.
- c) O eu-poemático emprega "brasil" como metáfora de "paraíso", onde crê estar a alma de seu pai.
- d) O emprego da inicial maiúscula em nomes de países é facultativo.
- e) Na acepção em que é empregada no texto, a palavra "brasil" é um substantivo comum.

Comentários

Alternativa "a": incorreta. Não é necessariamente para menosprezar.

Alternativa "b": incorreta. Não para todos; são mais os da primeira geração que propunham rupturas.

Alternativa "c": incorreta. Uma terra distante e desconhecida não necessariamente corresponde ao paraíso.

Alternativa "d": incorreta. É obrigatório, por se tratar de substantivos próprios.

Alternativa "e": correta – gabarito. A palavra "brasil" adquire no contexto a função de substantivo comum, sinônimo de lugar distante para onde partiu o pai como um explorador corajoso que parte à conquista de novas terras.

Gabarito: E

28. (FUVEST - 2014)

Revelação do subúrbio

Quando vou para Minas, gosto de ficar de pé, contra a [vidraça do carro*, vendo o subúrbio passar.

O subúrbio todo se condensa para ser visto depressa,

com medo de não repararmos suficientemente

em suas luzes que mal têm tempo de brilhar.

A noite como o subúrbio e logo o devolve, ele reage, luga, se esforça, até que vem o campo onde pela manhã repontam laranjais e à noite só existe a tristeza do Brasil.

Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do mundo, 1940.



(*) carro: vagão ferroviários para passageiros.

No poema de Drummond, a presença dos motivos da velocidade, da mecanização, da eletricidade e da metrópole configura-se como

- a) uma adesão do poeta ao mito do progresso, que atravessa as letras e as artes desde o surgimento da modernidade.
- b) manifestação do entusiasmo do poeta moderno pela industrialização por que, na época, passava o Brasil.
- c) marca da influência da estética futurista da Antropofagiana literatura brasileira do período posterior a 1940.
- d) uma incorporação, sob nova inflexão política e ideológica, de temas característicos das vanguardas que influenciaram o Modernismo antecedente.
- e) uma crítica do poeta pós-modernista às alterações causa das, na percepção humana, pelo avanço indiscriminado da técnica na vida cotidiana.

Comentários

A primeira geração do Modernismo brasileiro exaltava os motivos da velocidade, mecanização e eletricidade presentes na metrópole por um viés otimista e eufórico. Na segunda geração do Modernismo, na qual está situada a obra de Drummond, ainda que esses motivos retornem, já não são vistos da mesma forma; nessa geração, há um engajamento ideológico e crítico sobre esses motivos.

Gabarito: D

29. (FUVEST - 2014)

A ROSA DE HIROXIMA

Pensem nas crianças

Mudas telepáticas

Pensem nas meninas

Cegas inexatas

Pensem nas mulheres

Rotas alteradas

Pensem nas feridas

Como rosas cálidas

Mas oh não se esqueçam

Da rosa da rosa

Da rosa de Hiroxima

A rosa hereditária



A rosa radioativa

Estúpida e inválida

A rosa com cirrose

A antirrosa atômica

Sem cor sem perfume

Sem rosa sem nada.

(Vinicius de Moraes, Antologia poética.)

Neste poema,

- a) a referência a um acontecimento histórico, ao privilegiar a objetividade, suprime o teor lírico do texto.
- b) parte da força poética do texto provém da associação da imagem tradicionalmente positiva da rosa a atributos negativos, ligados à ideia de destruição.
- c) o caráter politicamente engajado do texto é responsável pela sua despreocupação com a elaboração formal.
- d) o paralelismo da construção sintática revela que o texto foi escrito originalmente como letra de canção popular.
- e) o predomínio das metonímias sobre as metáforas responde, em boa medida, pelo caráter concreto do texto e pelo vigor de sua mensagem.

Comentários

Nesse tipo de questão, parte-se do pressuposto que vocês, alunos, tenham certo conhecimento de mundo e conheçam esse episódio conhecido da Segunda Guerra Mundial (1939- 1945). <u>Cuidado</u>: pode haver uma interface interdisciplinar com a História.

Quanto à análise do poema, a imagem da rosa é tradicionalmente associada à beleza em contextos nos quais se pretende acentuar impressões positivos. Todavia, ao associá-la à Hiroshima, cidade que protagonizou um dos episódios mais cruéis e destruidores da Segunda Guerra Mundial, o eu lírico subverte esse sentido; ao emprestar-lhe conotações negativas, aumenta a sua força poética e causa impacto no leitor pela estranheza que produz.

Já em relação às alternativas, termos e expressões como "objetividade" (letra "a"), "despreocupação formal" (letra "b"), "originalmente letra de canção popular" (letra "d") e "caráter concreto" (letra "e") são improcedentes e eliminam todas as outras opções.

A poesia é um gênero textual extremamente subjetivo e, apesar de partir de em evento histórico (objetivo e concreto) no poema há reelaboração do tema e preocupação com a forma e o gênero em questão.

Gabarito: B

30. (UNIMONTES - 2007)



São Bernardo, obra-prima de Graciliano Ramos, pode ser caracterizada como

- a) romance de costumes.
- b) romance romântico regional.
- c) romance de Realismo mágico.
- d) romance de densidade psicológica.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois não se trata de um romance de costumes (ou urbano).

A alternativa B está incorreta, pois, embora seja regional, a obra não é um romance romântico.

A alternativa C está incorreta, pois no realismo mágico há uma fusão entre um universo mágica e a realidade, o que não ocorre em São Bernardo.

A alternativa D está correta, pois a obra São Bernardo se estrutura na ideia de como o meio moldou cada homem.

Gabarito: D

Considerações finais

Na próxima aula, veremos Modernismo de 45 e Literatura Contemporânea.

Até lá, pratique bastante com os exercícios desta aula, para chegar sem dúvidas na próxima aula! Qualquer dúvida estou à disposição no fórum, e-mail ou Instagram!

Prof.^a Celina Gil



Professora Celina Gil



@professoracelinagil

Versão 1 Data

Modificações

03/07/2021

Primeira versão do texto.